

ILUSTRAÇÃO

N.º 251 — 11.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tóda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGENCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente**, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMESTICA** nele se encontrarão todos os conselhos, tódas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

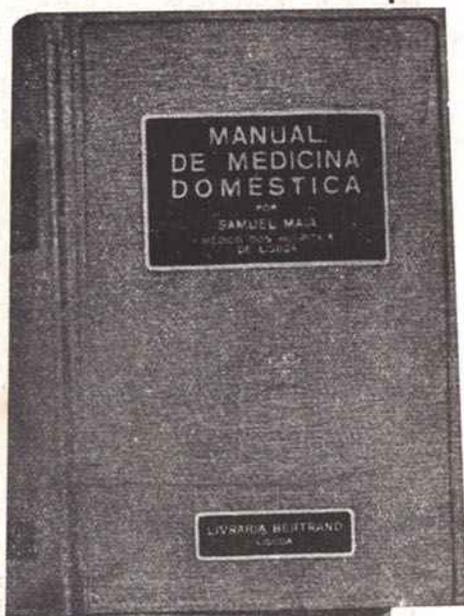
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina

Esc. 35\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



**SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES**

Estudos sobre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sobre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como todas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte. As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs, com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND - Rua Garrett, 73 - Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Precos de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada).....	32\$10	64\$20	128\$40
Ultramar Português.....	—	64\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias.....	—	64\$50	129\$00
(Registada).....	—	69\$00	138\$00
Brasil.....	—	67\$00	134\$00
(Registada).....	—	91\$00	182\$00
Outros países.....	—	75\$00	150\$00
(Registada).....	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podés acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias
Produits BÉJEAN - Paris



Porquê?

Por que motivo sofre resignada das suas dores de cabeça, se toda a gente sabe que a Cafiaspirina é um produto de toda a confiança, absolutamente inofensivo para o organismo, e que rapidamente suprime todas as dores, por violentas que sejam?



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Um Rosto De Frs.

500.000

Uma Ideia Nova E Surpreendente A Respeito Dos Pés de Arroz



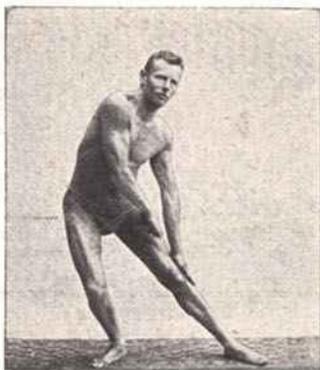
Agora, pesquisas científicas, revelaram um meio fácil de fazer conservar o pó de arroz durante o dia inteiro. Esta maravilhosa descoberta permite a toda a mulher conservar o rosto fresco e encantador - sem o menor vestígio de brilho - durante uma noite inteira, dançando na mais aquecida das salas de baile. O ingrediente que é a causa desta fenomenal diferença chama-se «mousse de crème» e o direito exclusivo do seu emprego foi adquirido por Tokalon, por uma quantia importante. É por isso que o Pó Tokalon é o único verdadeiro pó de arroz com «mousse de crème». Dá um rosto perfeito, resistindo aos danos do vento ou de um dia de chuva. Todas as «rainhas» dos concursos de beleza, no decurso destes últimos anos, usam esta espécie de pó particular. A senhora Yolande Pereira, Miss Universo de 1930,

declarou: - «Este singelo segredo para o rosto permitiu-me ganhar 500.000 frs. e contribuiu para me fazer a rainha de beleza de todo o Mundo».

Os Compactos Tokalon contém, actualmente a «mousse de crème». O Pó e o Rouge são ambos muito aderentes. Qualquer cousa de novo, de diferente, de melhor.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se ao Depósito Tokalon (Secção I. L.) - 88, Rua da Assunção, Lisboa - que atende sem demora.

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercicio
por dia

O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER

O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura fisica

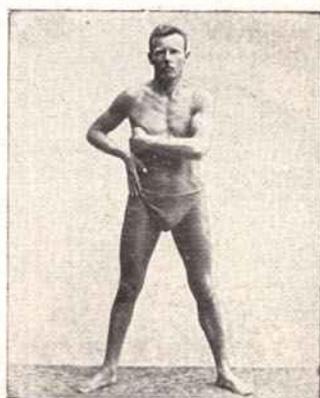
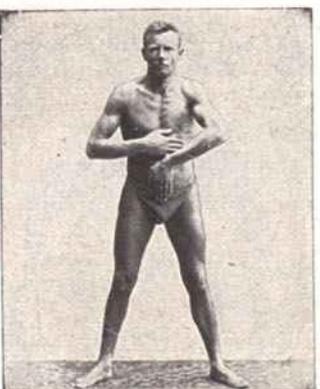
Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**
pelo correio à cobrança **9\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um grande sucesso de livraria

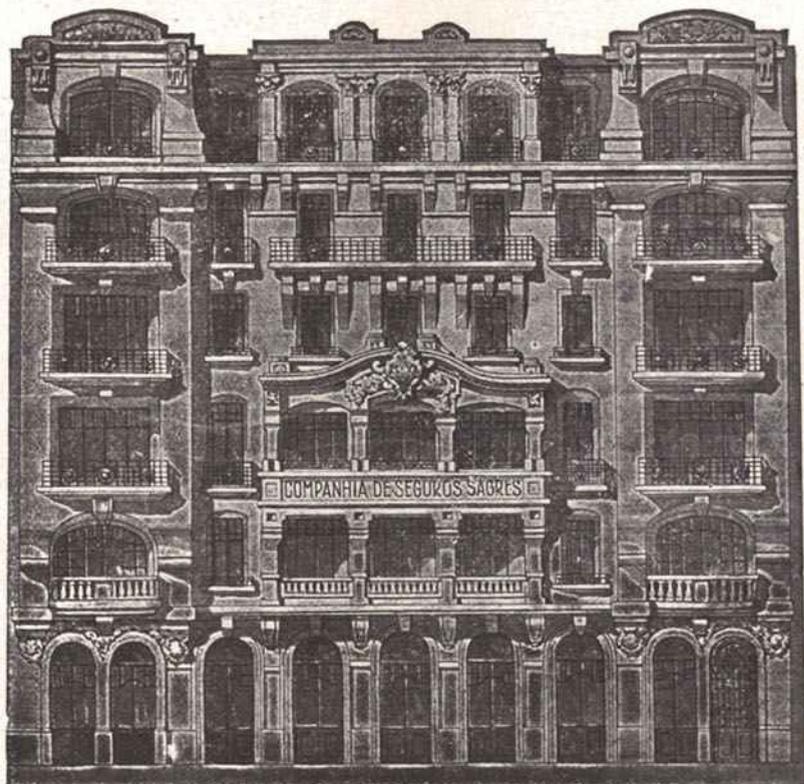
DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12\$00;
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança mais 1\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente á Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

ACABA DE SAÍR

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

CANÇÕES

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança..... 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

ACABA DE SAÍR

a 5.ª edição, 8.ª milhar

CÓMICOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 252 págs., broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança..... 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL CASUIDICA E DOCTRINA

Pelo Prof. SOBRAL CID

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do Prof. Azevedo Neves

1 vol. de 238 pág., formato 23 × 15, broc. Esc. 25\$00 — Pelo correio à cobrança Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ACABA DE SAÍR

a 5.ª edição, 7.º milhar

Recordações e Viagens

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 320 págs., brochi. 12\$00
 Pelo correio à cobrança 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

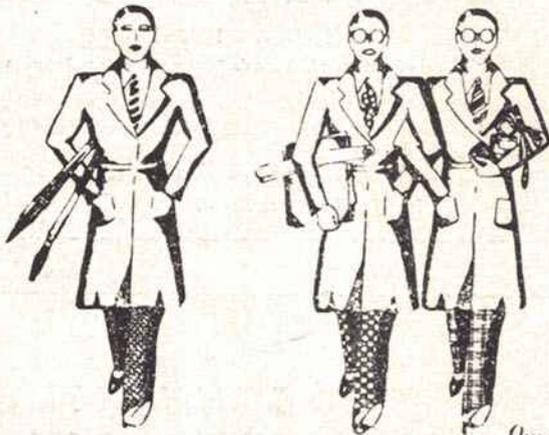
Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORE/

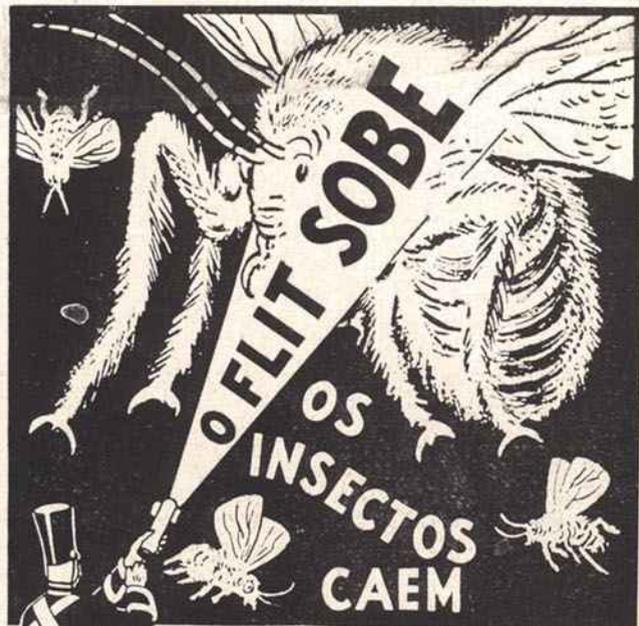
IMPRESSORE/



TELEFONE
 2 1368

**BERTRAND
 IRMÃOS, L^{DA}**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



**FLIT MATA A TRAÇA EM
 TODOS OS ESTADOS**

Porque deixais que as traças estraguem os vossos fatos, se o Flit, economicamente, vos pode proteger desse flagelo? O Flit não só destrõe as traças, como também extermina os seus ovos, matando ao mesmo tempo quaisquer outros insectos. Use o Flit à vontade, pois o seu jacto não mancha. Para evitar substitutos do Flit, exija sempre a lata amarela selada com a gravura do soldado e a lista preta.



Polvilhe com PÓ FLIT todas as fendas do chão, e assim matará todos os vermes que nelas existirem.

FLIT — o insecticida que mata sempre!

Dr. Benguê, 6, Rue Ballu, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
2 0535

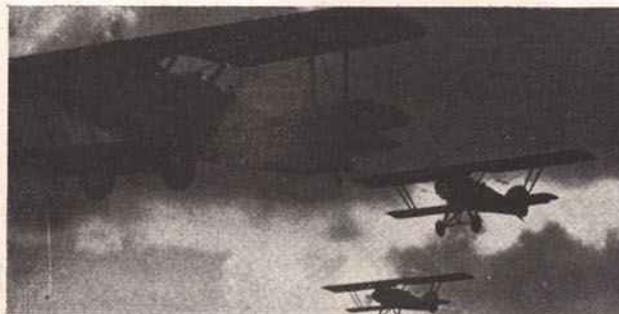
N.º 251 - 11.º ANO
1 - JUNHO - 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O SIMULACRO DO ATAQUE AÉREO À CAPITAL



Vista aérea da parte baixa da cidade, vendo-se o Rossio assinalado por uma nuvem de fumo. A DIREITA: o teatro Nacional «incendiado». EM BAIXO: o Rossio coalhado de curiosos durante a realização dos exercícios.

(Fotos aéreas devidas à gentileza do major-aviador sr. Pinheiro Correia)





Coelho Neto — desilusões — de todas as suas emoções em suma.

Os médicos — os mais notáveis do Rio de Janeiro — procuravam, em vão, descarregar o colorido sombrio do prognóstico: — mas era tarefa difícil em se tratando de pessoa com a inteligência, argúcia e cultura do romancista maranhense.

O seu extraordinário poder de penetração facultava-lhe perceber, facilmente, o humanitarismo das palavras com que o procuravam esperançar.

Compreendia tudo e, por um requinte de gentileza — porque era perfeito cavalheiro — aparentava acreditar, reconhecido, para não deixar no espírito dos clínicos a dúvida de haverem empregado, inutilmente, todos os recursos da dialética profissional. Mas, quando se retiravam, quando ficava só, ou, mesmo, apenas em companhia de algum íntimo, a testa se lhe enrugava, o seu aspecto tornava-se severo e, mesmo sem que pronunciasse qualquer palavra, não era difícil a quem junto d'êles estivesse, deduzir que o tomor voltava a assaltar-lhe o espírito, povoando-lhe o cérebro de preocupações horríveis.

Infelizmente, o tempo demonstrou-lhe que estava com a razão.

Quando esteve no Rio de Janeiro o Orfeão Acadêmico de Lisboa e, dias após, chegou a Tuna Acadêmica de Coimbra, numa festa oferecida a essas duas agremiações pelo Orfeão Português, Coelho Neto foi incumbido de saudar os rapazes. Aceitou o convite; e a peça maravilhosa que produziu — verdadeira joia literária — conhecem-na bem os então orfeonistas, cujos aplausos vibrantes estrugiram no vasto salão da rua dos Andradas, com o calor e entusiasmo que só pode proporcionar a mocidade, à qual devotou sempre êle particular carinho.

Como Olavo Bilac, seu contemporâneo e amigo, Coelho Neto foi grande animador da juventude, no que diz respeito ao desenvolvimento da arte e da estética; e sem ser, propriamente, um cultor do «sport», deu-lhe todavia grande impulso, no Brasil, principalmente na parte relativa ao «Fluminense Foot-ball Club», de que era um dos sócios fundadores, tendo sido, posteriormente, considerado benemérito. Nesse clube organizou Coelho Neto admiráveis vespereiras artísticas, onde se faziam ouvir os melhores concertistas, cantores, poetas, etc., na presença do que de mais culto e selecto havia na sociedade do Rio de Janeiro.

Certa ocasião, Coelho Neto convidou uma jovem e distinta cantora de São Paulo para fazer-se ouvir no citado clube; mas por circunstâncias inexplicáveis, a assistência aplaudiu com maior veemência outro cantor que se fez ouvir também, mas em números mais populares, de muito menor responsabilidade.

COELHO NETTO

(Esbôço e apontamentos para futuro estudo)

Coelho Neto chocou-se com o acontecido e sentiu-se no dever de «desagravar» a artista que ali fôra a seu pedido e que considerou diminuída com semelhante atitude, que reputou descabida, além de descortês, pois tinha a convicção de haver proporcionado ao auditório o ensejo de apreciar uma verdadeira «virtuose» do canto.

E deliberou fazê-la ouvir de novo, mas perante público por êle escolhido, cuja cultura conhecesse.

Para isso, promoveu uma tarde artística no Centro Paulista e à qual só puderam comparecer aqueles a quem êle, pessoalmente, expediu convites, levando o escriptulo ao ponto de mandar «nominalmente» o convite a cada um dos críticos musicais e literários dos jornais cariocas, que julgava em condições de bem avaliar dos méritos da cantora; e para patentear, êle mesmo, que se sentia honrado em figurar no mesmo plano da artista patriciã, fez o programa em duas partes, a primeira constando de interessante conferência em que, êle, que tinha sido acadêmico de direito lá, disse, muito delicadamente sobre «São Paulo do meu tempo», tema que desenvolveu com aquela magia que só êle sabia emprestar às palavras.

Após encerrar a palestra, pediu à assistência que ouvisse com a mesma atenção que lhe dispensara e que julgasse com imparcialidade a cantora que viera de São Paulo ao Rio para atender a uma solicitação sua que — repetiu — fôra feita correspondendo apenas ao seu valor, ao seu mérito real.

E os aplausos e pedidos de «bis» consecutivos aos números interpretados pela jovem e que eram os mesmos que haviam figurado no outro programa, deram-lhe o conforto de verificar, ainda uma vez, que estava com a razão.

Era assim Coelho Neto.

Quem não lhe houvesse estudado e compreendido bem o feito, poderia supô-lo, à primeira vista, orgulhoso e desabrido.

Nada disso. Era, apenas, sincero; e, em matéria de arte, de franqueza absoluta, para muitos, mesmo, desconcertante pela sua intransigência.

Cito, a propósito, outro episódio, ainda ocorrido numa das tardes artísticas do «Fluminense Foot-Ball Club».

Coelho Neto — escreveu que sempre foi da «sua» palavra, êle que era verdadeiro dominador dela, quando se tratava de a empregar no seu justo sentido, havia convidado um pianista para fazer-se ouvir no programa, pedindo-lhe ainda por especial obsequio a deferência de acompanhar determinada senhora que deveria cantar.

O pianista acedera, tanto que havia até ensaiado as músicas com a aludida cantora; mas, na tarde da festa, ao fazer a «toilette», quando ia calçar-se, o rapaz, inadvertidamente, encostou um dos pés, só ainda com a meia, num furo eléctrico quente, que o descuido de uma creda ali deixara, queimando-se seriamente.

Coelho Neto, sem saber do que se passara, incomodadíssimo, esperou o quanto lhe foi possível; e vendo que já ia adeantada de muito a

hora fixada para início do programa, depois de conseguir de uma das senhoras presentes, que acompanhasse a cantora, em face d'ô não comparecimento imprevisto do pianista, subiu ao estrado e explicando à assistência o motivo do atraso, não pôde ocultar a indignação de que estava possuído.

Desceu, a seguir, do estrado: e já a senhora ia iniciar, ao piano, o acompanhamento da primeira das músicas em que se faria ouvir a cantora, quando surge, esbaforido, quase a correr pelo salão a dentro, com um dos pés metido numa chinela, o pianista. Vendo a situação que havia provocado, o rapaz, antes mesmo de dar qualquer explicação para justificar a sua impontualidade, subiu ao estrado afim de tomar o lugar que, pela sua falta, iria ser desempenhado pela senhora que se prestara a substituí-lo.

Já sentado, ia dar começo à música, quando Coelho Neto, que voltara também ao estrado, assim que o vira, rápido, antes que êle tivesse tempo de ferir a primeira nota, disse, ainda muito nervoso e emocionado, embora sem saber dos motivos determinantes do atraso:

«Minhas senhoras e meus senhores: — acaba de chegar o pianista que eu esperava; e, assim, cabe-me o dever de retirar, como retiro, tudo quanto há pouco disse».

E desceu do estrado, aliviado, como se houvesse tirado grande peso da consciência, por ter, apenas, extranhado... que o pianista houvesse faltado à palavra empenhada, sem um aviso que, com tempo, lhe permitisse substituir os números que lhe cabiam e escusar-se, perante o público, das substituições feitas — tal o respeito que um auditório lhe merecia.

Mas, ao mesmo tempo, teme ter sido injusto para com o artista, que, vítima de um acidente, embora, ali se encontrava, posto que um pouco em atraso, para prestar-lhe a sua colaboração. Era assim Coelho Neto...

Os seus contrêrneos, em certa legislatura, lembraram-se do literato para ocupar na representação federal uma cadeira da bancada do Maranhão. E, elegendo-o, o enviaram como deputado ao Parlamento. Mas Coelho Neto possuía, não ser bom político, o que constituía um dos seus maiores apanágios como artista: — era sincero em demasia. Não tinha, absolutamente, jeito para «manobras»; repugnava-lhe pensar uma coisa e ter de dizê-la só pela metade, ou, mesmo, outra; e, não raro, por solidariedade política, ser forçado a concordar com o que não havia dito ou pensado. O feito do seu carácter, o seu grande amor à verdade, o seu temperamento de escol, não lhe permitiam malcabalidades verbais, tão necessárias e prolepticas às «injunções». E o grande romancista passou aos contrafeitos daquele ambiente tão em desacôrdo com a sua estrutura.

Quando lhe falaram na conveniência de preparar as suas forças eleitorais para garantir a reeleição, escusou-se.

Ofereceram-lhe o cargo de Director da Escola Dramática Municipal, recentemente criada.

Aceitou, radiante, para receber setecentos ou oitocentos mil réis mensais, ao envés do subsídio de cem mil réis por dia, que tanto cabia naquela época a um deputado federal.

Os discursos, os poucos discursos que proferiu na Câmara, são mais propriamente peças literárias do que documentos políticos: — magníficas na forma, elegante e correctíssima, sóbrios e alevantados nas ideias, mas de nenhum efeito parlamentar.

Ele era, visceralmente, homem de letras, artista por natureza. Nasceu assim; e a cultura do seu espirito e a experiência adquirida no contacto com os homens e com o mundo, nada mais fizeram do que desenvolver os dons que lhe eram natos, aguçando-lhe cada vez mais o extraordinário poder de observação de que era dotado.

Alguns — poucos — acham no artificial nas expressões, pelo emprêgo frequente, na sua vasta obra literária, de vocábulos pouco usuais na linguagem corrente, havendo mesmo quem o supuzesse um rebuscador de termos arcaicos, subordinado à preocupação de tornar-se original.

Clamorosa injustiça!

Coelho Neto era, sim, um estudioso infatigável; e, dono de formidável memória, familiarizara-se por tal forma com os autores antigos — principalmente os clássicos, que manuseava a miúdo — que, dentro do seu próprio estylo, aprimorou lindamente o vocabulário, elevando-se tanto na sua maneira de escrever que, por vezes para ser integralmente apreendido era mister quem o lesse ser dotado de certo preparo preliminar.

Era um escritor de «élite», sendo notáveis os conhecimentos que possuía da mitologia — principalmente da grega, a que dispensava extrema atenção.

É difícil precisar qual a modalidade ou modalidades em que mais acentuadamente se revelou Coelho Neto.

Quer como romancista, quer como prosador, cronista, teólogo, articulista, etc., foi sempre um grande espiritualista e, sobretudo, grande poeta, muito embora seja relativamente diminuta em confronto à sua prosa, a sua expansão pelas rimas.

O que fez, porém, sob êsse aspecto o primoroso, como se poderá ver pelos dois sonetos que se seguem, o primeiro dos quais enquadrou em inspirada composição musical do grande maestro brasileiro Alberto Nepomuceno.

SONETO

*Ando tão venturoso com querer-te
Que, por achar demais tanta ventura,
O delicada e meiga creatura
Temo que venha o instante de perder-te.*

*Todo o bem que em minha alma êsse amor vêrte
Faz-se depressa em pérfida tortura:
Julgo que entooqueci, pois é loucura
Pensar que te perdí só por não ver-te.*

*Se penso, és tu meu pensamento, canto,
E és tu a estrofe do meu canto, falo,
Teu nome é o termo que me vem risonho;*

*Se de saudade choro, és o meu pranto;
E's meu silêncio se de dor me calo,
E's o meu sonho, quando à noite sonho.*

ILUSTRAÇÃO

SER MÃI

*Ser mãe é desdobrar fibra por fibra
O coração? Ser mãe é ter, no alheio,
Lábio que suga o pedestal do seio,
Onde a vida, onde o amor, cantando, vibra.*

*Ser mãe, é ser um anjo que se libra
Sobre um berço dormindo! F. ser anejo,
F. ser temeridade, é ser receio,
F. ser força que os mares equilibra!*

*Todo o bem que a mãe gosa — é bem do filho,
Espelho em que se mira afortunada,
Luz que lhe pòs nos olhos novo brilho!*

*Ser mãe — é andar chorando num sorriso!
Ser mãe — é ter um mundo e não ter nada!
Ser mãe — é padecer num paraíso!*

Concluindo estas ligeiras considerações sobre Coelho Neto — preito de singela homenagem à memória do grande escritor, meu patricio e amigo, desejo encerrá-las pela oferta, aos leitores, das primeiras frases, em autógrafo, com as correcções por êle mesmo feitas, do seu formoso conto — «O ciúme».

O ciúme

«Certo dia...

«Foi um domingo de manhã cedo, quando o sol já estava alto e a rua estava cheia de gente, eu estava sentado no meu quarto, lendo um livro. Quando ouvi o som da porta a abrir, levantei-me e vi a minha esposa entrar com um envelope na mão. Ela parecia muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito mal e que estava a morrer. Eu fiquei muito triste e disse-lhe que estava muito triste por saber disso. Ela chorou e disse-me que estava muito triste por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito feliz e disse-me que tinha recebido uma carta de um amigo que estava em viagem. Ela mostrou-me a carta e eu li-a com interesse. A carta era muito curta, mas dizia-me que o meu amigo estava muito bem e que estava a voltar para casa em poucos dias. Eu fiquei muito contente e disse-lhe que estava muito feliz por saber disso. Ela sorriu e disse-me que estava muito feliz por saber disso também. Depois disso, ela saiu do quarto e eu continuei a ler o meu livro. Quando ela voltou, ela estava muito triste e disse-me que tinha recebido

Comemorações do 10.º aniversário da revolução de 28 de Maio

No dia 28 do mês findo realizaram-se, em Lisboa e noutras cidades do país, festejos comemorativos do 10.º aniversário do movimento revolucionário chefiado pelo falecido general Gomes da Costa.

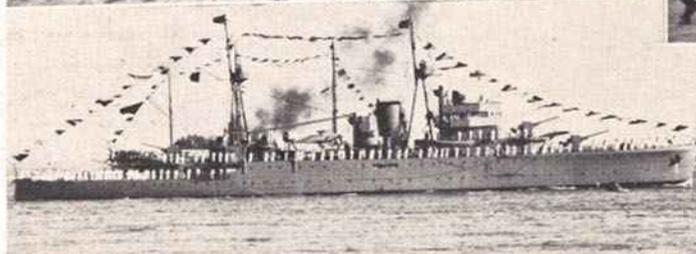
O sr. Presidente da República, acompanhado pelo Presidente do Conselho e por todos os membros do Governo inaugurou no pavilhão do Parque Eduardo VII a Exposição Documental Comemorativa. Tomou depois lugar numa tribuna perante a qual desfilaram importantes contingentes de tropas e um imponente cortejo cívico.

No Tejo houve um desfile de divisões navais que foi presenciado por grande multidão e que resultou num espectáculo cheio de imponência.

Na Câmara Municipal procedeu-se à cerimónia da entrega às comissões políticas da União Nacional dos respectivos estandartes.

No acto da inauguração da Exposição do Parque Eduardo VII, o sr. Presidente do Conselho proferiu um importante discurso, que foi radiodifundido, e no qual fez importantes afirmações políticas, revendo a obra realizada desde o 28 de Maio e traçando as linhas gerais da futura acção governativa.

As nossas gravuras mostram: à direita o Chefe do Estado apertando a mão ao sr. Presidente do Conselho por ocasião das cerimónias no Parque Eduardo VII; por baixo, um aspecto da tribuna presidencial e uma passagem do desfile militar; em baixo, navios da nossa Esquadra desfilando no Tejo: o «Afonso de Albuquerque» e o «Bartolomeu Dias», vendo-se na frente d'êste último a velha fragata «D. Fernando».



Inauguração da "Casa da Itália", em Lisboa



A colónia italiana inaugurou no dia 24 do mês findo a nova sede da «Casa da Itália», na rua do Salitre, 146, comemorando assim o 21.º aniversário da entrada da Itália na Grande Guerra e o X alistamento fascista. Presidiu à cerimónia o sr. ministro da Itália e assistiram o pessoal da

Legação e do Consulado, o secretário do Fásco e os fascistas de Lisboa e quasi todos os membros da colónia daquele país. Usaram da palavra o sr. ministro da Itália e conde di Carróbio que aludiu à significação da data que se celebrava, citando as palavras de Mussolini ao anunciar a

fundação do Império colonial italiano. No final, os alunos da Escola Italiana executaram exercícios de gymnástica e cantaram hinos patrióticos que foram muito applaudidos. Nas gravuras: à esquerda um grupo de alunos com a professora, à direita um trecho da assistência.

A VIDA—UM SONHO

MEDITAÇÕES E PENSAMENTOS DUM FILÓSOFO

Por MIGUEL DE UNAMUNO

Há tempo a Universidade de Oxford conferiu a Miguel de Unamuno o grau de doutor «honoris causa». O sábio professor e romancista concedeu nessa ocasião uma entrevista de algumas horas ao nosso colaborador em Londres. É a síntese dessa conversa que se reproduz abaixo. Trata-se, portanto, no texto seguinte dum artigo, por assim dizer falado, que o nosso colaborador E. W. Salzer, nos transmite textualmente:

Sou um homem de oposição. Não sou de modo algum uma dessas pessoas delicadas que dizem sempre sim, tipo hoje tão numeroso e que torna a vida tão monótona. É na oposição que se oculta a força primordial da vida, o impulso do progresso. Se não houvesse neste mundo pessoa alguma capaz de dizer não, mesmo quando pensa sim, pouca vantagem teríamos sobre os *bushman* da Austrália. Os meus escritos estão cheios de contradições — e é essa talvez a razão por que alcançaram êxito. Não pertenço ao número dos filósofos que desejam penetrar até aos supremos mistérios da vida, que só procuram relações lógicas e constroem sistemas, causando a confusão. A verdadeira filosofia encontra-se nas obras dos poetas e não nos «in-fólios» dos profissionais da filosofia, que se mantêm voluntariamente à margem, criando um mundo onde outros não sabem orientar-se nem se sentem à vontade; pois que esse mundo é artificial e — digamo-lo francamente — mal ventilado, com certo cheiro a bafo.

Pensamentos duma borboleta

Por outro lado, sou um solitário. Os movimentos colectivos nada significam para mim. Quanto aos corpos, ainda se poderia sujeitar todos ao mesmo molde, dar a todos a mesma forma. Mas ainda que todos os homens tragam gravatas iguais e todas as mulheres usem chapéus idênticos, os espíritos serão sempre essencialmente diferentes. Às vezes ponho na lapela um pouco de papel de estanho enrolado, dêsse que envolve os maços de cigarros, à maneira dos outros que ali trazem o distintivo do seu partido. «É a insígnia do meu club», explico-se me fazem perguntas. O club conta um único membro e se um segundo nêlo pretendesse entrar, eu sairia imediatamente. As máquinas podem tornar igual o ritmo de cada dia — mas as almas seguirão sempre as suas melodias próprias.

Há tempo, lia eu um livro chinês. O poeta descrevia um sonho. «Vi-me flutuar no espaço azul da Eternidade como uma borboleta», conta êle. «Depois acordei. E quanto mais penso neste acontecimento mais vaga me parece a resposta à pergunta: Sonhei apenas ter sido uma borboleta — ou sou a própria borboleta que sonha ser homem?»

Neste trecho de sabedoria oriental há mais verdade do que os mestres da lógica, os mestres das máquinas querem reconhecer no nosso ocidente desencantado. A vida é um sonho, como dizia outrora Calderon. Todos o aprendemos cedo ou tarde.

Goethe e Siegmund Freud

Já o disse: Os poetas são os reveladores da filosofia viva. Nas suas obras Goethe acumulou mais filosofia que todos os filósofos de profissão juntos. Amo e adoro Goethe e gosto também infinitamente de Nicolas Lenau. Entre os grandes escritores modernos é sobretudo Stephan George o que mais me prende, e depois Paul

Valery, H. G. Wells e Stephan Zweig. Tenho por costume ler a maior parte dos livros no original; as traduções roubam-me o encanto de fazer uma viagem de descoberta no mundo do poeta. É assim que sei muitas línguas só para ler e não para falar: o alemão, por exemplo, o holandês, o dinamarquês, o hebreu e o dialecto judaico. Estudei o dinamarquês para compreender a fundo Kirkegaard, de que tinha conhecimento pelos escritos de Charles Barth, o dialecto judaico porque me interessava pelas obras de Israel Zangwill que só conhecia até então por uma tradução inglesa.

A correspondência com Siegmund Freud é para mim um prazer extremo, com que aproveito muito. Sou um dos seus discípulos dóceis. Infelizmente não conheço pessoalmente êste filósofo, embora talvez o conheça melhor do que muitas pessoas que lhe falam todos os dias. Como já disse Carlisle: «É nas suas obras que se conhece um homem». Porque o mais severo crítico de si próprio não pode encontrar outro caminho para a sua alma nem para a nossa.

O tédio, doença da época

Enfim quem pretenderá conhecer-se a si próprio? Eu de modo algum. Às vezes nem consigo rasgar a lenda que teceram à minha volta para me ver tal qual sou. Estou envolvido, abandonado, sem meios de defesa, e os meus biógrafos vão contar a minha vida tal como o Mundo a viu e não como eu a vivi. Recentemente visitava eu um asilo de alienados. Ia vêr aquêle rapaz alto de olhos melancólicos. «Sou Unamuno», — disse-lhe. «O verdadeiro Unamuno? Tem a certeza de ser o «Unamuno autêntico?» — perguntou-me em tom sério. Inclinei a cabeça. Então êle estendeu-me a mão murmurando «obrigado» e afastou-se. Quando voltei ao gabinete do médico não tinha ainda o coração desanuviado. Sou então o Unamuno autêntico — ou o outro?



Miguel de Unamuno, visto pelo caricaturista Bagaria



Miguel de Unamuno

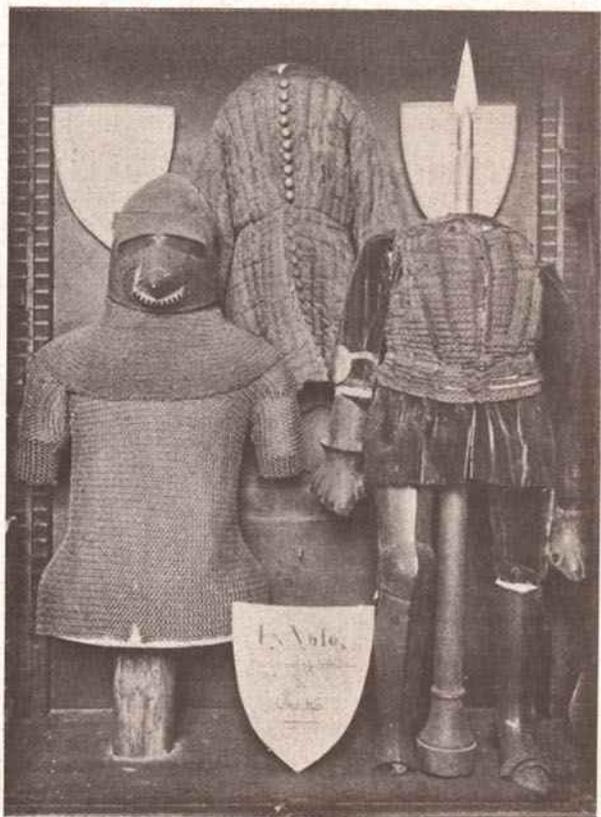
Têm-me perguntado a minha missão nesta vida. Muitas vezes penso tê-la cumprido sem a conhecer. Tenho actualmente 71 anos. Desde o começo dêste século tenho sido, com uma curta interrupção, reitor da Universidade de Salamanca, onde outrora professei a língua e literatura grega. Escrevi muitos livros, artigos e panfletos sem número. Nunca bebi uma simples gota de vinho nem de cerveja. Um terço da minha vida passei-o a dormir. Estaria produtivo a sonhar e destrutivo acordado? Não sei. Apenas sei que durante todo o tempo da minha vida tive apenas um inimigo perante mim e foi frequentemente o objectivo da minha vida combater êsse inimigo mais perigoso que a dor (porque essa pode ser compensada pela alegria): o tédio.

No outro dia, a minha neta chorava copiosamente quando entrei no quarto. «Doi-te alguma coisa?» — perguntei-lhe com interesse. «Queres algum brinquedo?» «Não — soluçava ela — aborreço-me tanto!» Sim, há homens que põem termo à vida por causa do tédio, porque não vêem perante sim um ideal a que possam aspirar e que dê valor à sua existência.

Sinais dum novo Dilúvio

Que haja guerra ou paz, o futuro lançar-nos-á em qualquer caso na Idade Média. Um dia a máquina do Mundo deve desmornar-se. A cultura da idade da pedra estará daqui a algum tempo tanto em moda como agora os «cocktail parties» e os «records» de aviação. Pois bem, recordo-me ainda da visão de Courteline quando falavamos há tempo do fim do Mundo. Eu tinha explicado que a guerra me parece uma espécie de malsianismo natural.

«Para quê quebrar a cabeça?» — dizia êle sorrindo — O Dilúvio virá. Os homens construirão uma nova Arca, desta vez à maneira de Zeppelin ou do Normandie. Levarão consigo quaisquer animais e uma multidão de pessoas, para verificarem afinal que as águas não caem, mas que entrarão na Arca em torrentes afogando tudo e todos. Apenas um papagaio alcançará o alto da chaminé e estenderá ainda a cabeça por sobre as ondas, gritando a última mensagem da Humanidade no dia da sua realização no Nada: Liberdade, Igualdade e Fraternidade...»



Armadura do rei Filipe o Belo, de França

TEM-SE falado e escrito bastante nos últimos tempos sobre as variadas tentativas que precederam a S. D. N. no sentido de estabelecer entre os povos uma lei internacional e abolir a guerra como método de liquidação de conflitos.

Poucas pessoas sabem, contudo, que a iniciativa dum movimento desse género partiu, no século XIII, dos Mongóis. Por estranho que pareça é a esse povo de guerreiros, cujas hordas espalharam na Ásia a morte e a desolação, que se deve a primeira obra de cooperação destinada a perpetuar a paz.

Foi o jornal dinamarquês «Dagens Nyeder», quem evocou recentemente esse curioso episódio histórico que adquiriu hoje, no momento em que se decidem os destinos do organismo de Genebra, um especial significado.

A ideia partiu, como vamos ver, dos descendentes do famoso Gengis Khan. Quando este chefe militar morreu, o vasto império por ele fundado desagregou-se, à falta dum sucessor digno de cingir a corôa. Diversas províncias proclamaram a sua independência. Cada chefe influente reuniu à sua volta um certo número de partidários e procurou impôr a sua autoridade. Surgiram disputas violentas que degeneraram com facilidade em lutas ferozes. E a breve trecho todos eram arrastados pelo turbilhão da guerra, digladiando-se entre si muitas vezes por motivos bastante incertos.

Esta situação teve consequências catastróficas para a economia asiática. O comércio paralisou quasi por completo. As caravanas de traficantes deixaram de se aventurar pelo interior infestado de bandos armados. A miséria estendeu-se por toda a Mongólia e China, provocando revoltas e a mais completa anarquia.

Foi então que o príncipe Tuva Khan, da província do Djagath, reconheceu a necessidade

Uma Sociedade das Nações instituída pelos mongóis no século XIII

A primeira tentativa da aplicação do princípio de assistência mútua

imperiosa de pôr termo a este estado de cousas mediante um acôrdo entre os diversos chefes. A sua proposta consistia no seguinte: cada um deles obrigava-se a respeitar as fronteiras dos restantes e a socorrer aquele que fôsse vítima duma agressão.

Ao contrário do que se poderia supôr a ideia foi acolhida com entusiasmo. A primeira aplicação prática duma tal política realizou-a o príncipe Tuva Khan, firmando dentro desse espírito um acôrdo com o seu mais encarniçado inimigo, contra o qual havia já anos que se encontrava em luta.

Outros chefes deram a sua adesão ao pacto, entre eles o

poderoso príncipe Timur, neto do famoso Kublai Khan, regente da China, de que o mundo ocidental teve noticia pelos relatos do viajante

italiano Marco Polo. Foi Timur que, compreendendo todo o alcance do projecto de Tuva Khan, deu o maior impulso à ideia. Graças à sua acção perseverante, todos os povos da Mongólia e da China ficaram em 1304 ligados a esse pacto de segurança colectiva. Mas Timur não ficou por aqui. Enviou emissários aos outros reis e imperadores da Ásia convidando-os a subscrever o pacto e a negociarem entre si acordos semelhantes. Estava convencido de que descobrirá o segredo capaz de garantir a felicidade do mundo.

Um dos potentados a quem se dirigiu foi o sultão Uldjaitu, imperador da Pérsia. Este mostrou-se encantado com a ideia e aderiu a ela sem reservas. A instancias de Timur, o imperador persa dirigiu em 1305 uma carta a Felipe o Belo, de França, dando-lhe conta do plano em marcha. Nesse curioso documento, Uldjaitu, exalta o sistema de segurança colectiva nos seguintes termos:

«Se outrora a sede de glória ou a má vontade dum príncipe, ou mais frequentemente ainda, a rivalidade e a desconfiança de duas nações, bastavam para desencadear a guerra, doravante na Ásia Central e Oriental esse crime não poderia ser cometido. Para a tingir este fim os khans dos nossos diversos países reuniram-se, como filhos duma mesma família e decidiram fazer a paz entre si. Ao mesmo tempo estipulámos de comum acôrdo que qualquer de entre nós que recorresse à guerra contra um membro da nossa associação encontraria na sua frente todos os outros unidos e associados contra o perturbador».

Uldjaitu termina esta mensagem com um apêlo instantâneo ao «sultão dos Francos» para que imite um tão louvável exemplo e procure reunir os «sultões» dos povos europeus dentro dum mesmo espírito.

Uma carta idêntica foi enviada a Eduardo I, rei de Inglaterra, que se apressou a responder com frases de pura cortesia, em que felicitava o imperador persa pelos resultados obtidos pelo plano. Quanto à sua eventual aplicação na Europa, Eduardo I, exprimia a opinião de que os povos ocidentais não tinham ainda atingido um grau de progresso que a tornasse possível. Confiava, porém em Deus que um dia se chegaria a uma melhor compreensão recíproca, facilitando o estabelecimento duma paz durável.

Sobre a resposta de Felipe o Belo, nada se sabe. Mas se é que chegou a responder, é de supôr que o fez no mesmo tom.

Quanto ao generoso pacto de segurança não tardou que surgissem dificuldades na sua aplicação. Todos os seus membros se mostravam dispostos a aproveitar-lhe as vantagens mas nenhum a satisfazer as obrigações que elle envolvia.



Em cima: Selo e armas de Filipe o Belo. — Eduardo I de Inglaterra

MAREANTES DE ARGAÇO



reterem as algas que flutuam na volubilidade das vagas.

Os intrépidos e audazes sargaceiros de Fão — espécie de legionários do mar — usam um uniforme apropriado e inconfundível: «*branquetas*» de flanela alvadia abotoadas como batinas, desde a gola até às abas que formam ampla roda, vestimenta esta que lembra os antigos trajes romanos. Tam curiosas roupagens, são cingidas na cintura por uma correia de couro bezerrum e têm, à altura do peito bordados de cores berrantes: corações ensilveirados e outros desenhos de imaginação ingénua. A tam típica vestimenta faz alusão a seguinte trova popular:

*Hei-de pegar na BRANQUETA
Hei-de caled-la aos pés
Primeiro que tu me lores
Hei-de saber quem tu és.*

Na cabeça, enfiam «*suestes*» de oleado com pinturas e le-

A' esquerda: Proa dum barco moliceiro. Em baixo: Pescadores de sargaço com seus apetrechos

A grande extensão da nossa costa incita as populações vizinhas do litoral a entregarem-se à colheita de plantas marinhas com o fim de serem vendidas aos lavradores, para fertilização das terras agricultadas.

É na orla da costa northena, entre Póvoa de Varzim e Espozende, que a indústria da recolha de algas é mais activa e se reveste de curioso interesse.

Surpreender em Suave-Mar, em Aldeia-Nova, em Aguadoira, em Estela, em Apulia ou em Fão, contingentes de destemidos «*redanheiros*» em arremetidas audaciosas com as ondas, é viver horas de maravilha contemplando de olhos deslumbrados e alma sacudida, um espectáculo gracioso, bárbaro e exaustivo, em que o sentimento egoísta de cobiça humana pretende usurpar a rigidez oceânica.

Mulheres de talhe esbelto, pernas nuas como colunas jónicas e rostos curtidos pelo bafo salgado e desabrido do mar, arregueifados os saíotes vermelhos de pano «*berre*» enxadrezado e as saías de sirguilha parda que, ao encharcarem-se, lhes moldam o ancho das ancas e homens ataviados de pano «*piloto*» ou envergando um indumento castiço, investem com o mar disputando-lhe uma flora estranha: *limos* membranosos e esverdecidos, *correolas*, *tanagueiros*, *francelhas*, *bodelhas* debruadas de flutuosas vesículas e longos e anegrados *taburrões*. Esse conjunto de algas de várias espécies, que a prodigalidade da Natureza oferece como despojo duma catastrophe ciclópica, toma a designação genérica de *argaço* ou *rapilho* e ainda de *molisso*, *golfo*, *rapeira* ou *seba*, conforme as regiões costeiras.

É nas grandes marés, «*quando o mar, feito com o Norte, traz cachão*», que as algas são fortemente arpeladas pela braveza das vagas encapeladas e se destacam das rochas. Os briosos ancineiros aguardam numa inquietação espectante que o mar cesse de marulhar e de rugir, para dar «*a beirada*», isto é que aos prelúdios da calmaria a vegetação marinha seja transportada pelo espraír das ondas.

Chegada tal oportunidade, «*o assêjo*» — conforme a designação local — ao impulso duma decisão colectiva, todo o enxame laborioso de colhedores de argaço acomete de súbito, grahlhando numa vozearia penetrante e ritmada, formigando açodadamente e empunhando «*redafois*» e «*gravetas*», curiosas alfaias destinadas a



gendas graciosas, tais como esta:

*Ê Mâr Vivo!
Mareantes de Argaço.*

Antes de entrarem no mar para sofrerem a vergastada rude das ondas, os colhedores de algas benzem-se devotamente rezando à Senhora da Saúde ou em louvor do Santíssimo.

Os «*redafois*» utilizados pelos sargaceiros de Fão, são grandes enche-lavares, ou sacos de rede, abertos na boca por um arco e munidos de cabos de madeira; as «*gravetas*», são ancinhos guarnecidos com 24 dentes de madeira e 12 gaiteiros de arame, ou seja um total de 36 puas, dispostas perpendicularmente em duas fiadas.

Em Suave-Mar a apanha de «*argaço*» faz-se

«*Moliceiros*»
(Quadro de Sousa Lopes)

metendo-se os mareantes arregaçados na água, ou tripulando frageis embarcações «*catrdias*» e «*lanchas*», apetrechadas com aparelhos apropriados: «*nassas*», «*jangadas*» e «*girandolas*» servem-se para a colheita, de «*ganchorras*» e de «*redanhos*», ancinhos armados de compridíssimos cabos. Para remoção das algas utilizam rudimentares padiolas, que denominam «*carrélas*».

Além do *rapilho morto*, que é destacado das penedias e arrojado à praia pelas vagas, distingue-se ainda o *rapilho vivo*, a que os pòveiros chamam «*credca*», o qual, estando aderente aos rochedos, só na maré baixa pode ser colhido.

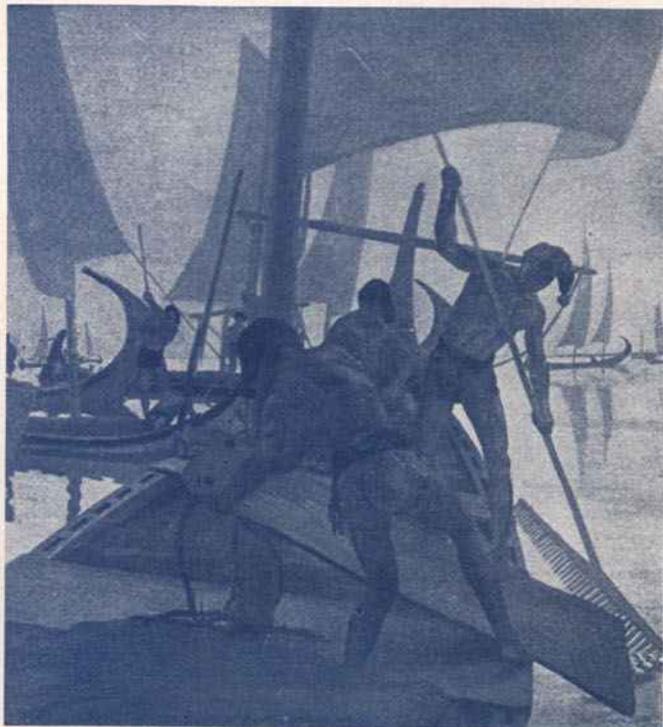
O sargaço, no estado fresco, retém cerca de 75 por 100 de água, constituindo um adubo muito pesado e volumoso. O sargaceiro empilha-o então em medas de base circular encimadas por cobertura de colmo de forma cónica, para que o sol o não desfalque em elementos fertilizantes, principalmente em azoto.

Na Costa de Aveiro são utilizados na recolha das algas os airosos *barcos moliceiros* pintorolados com festivas decorações policrómicas. Essas típicas embarcações de proas arrogantes, são tripuladas pelo *arraís* e *camarada* que, numa solidariedade de interesses, repartem entre si o produto da venda que cada *maré* ou *barcada* lhes possa render. O molicho recolhido nas águas salgadas, constituído principalmente por *limo de fita* e *cirigo* ou *limo mestre*, destina-se à fertilização das terras altas e das cumeçadas que flanqueam a Ria.

Por *escaço* designam os moliceiros o guano proveniente da «*ciscalhada*» ou despojos de algas e mariscos. A delimitação do espaço para a colheita de molicho, é feita por meio de estacas ou de caniços, que recebem a designação regional de «*pintalhas*».

A vida afanosa dos moliceiros da Ria de Aveiro e dos sargaceiros de Fão, passada numa atmosfera sábia descendendo à fragrância penetrante do iodo, representa no pitoresco da indumentária, no regionalismo, nos aspectos, nas usanças e no mistério e sentimento que a envolve, um documentário bizarro e um cosmorama cromático para os apaixonados de folclorismo ainda não vertidos pelas ciladas da civilização.

Guilherme Felgueiras
da Associação dos Arqueólogos Portugueses



A Exposição-Feira de Santarém

O chefe do Estado inaugurou no dia 17 do corrente em Santarém, com a assistência dos srs. ministros da Justiça, das Obras Públicas, do Comércio e da Agricultura e do sub-secretário do Estado das Corporações, a Exposição-Feira que reuniu naquela formosa cidade a representação de todos os elementos de riqueza e progresso do nosso laborioso Ribatejo.

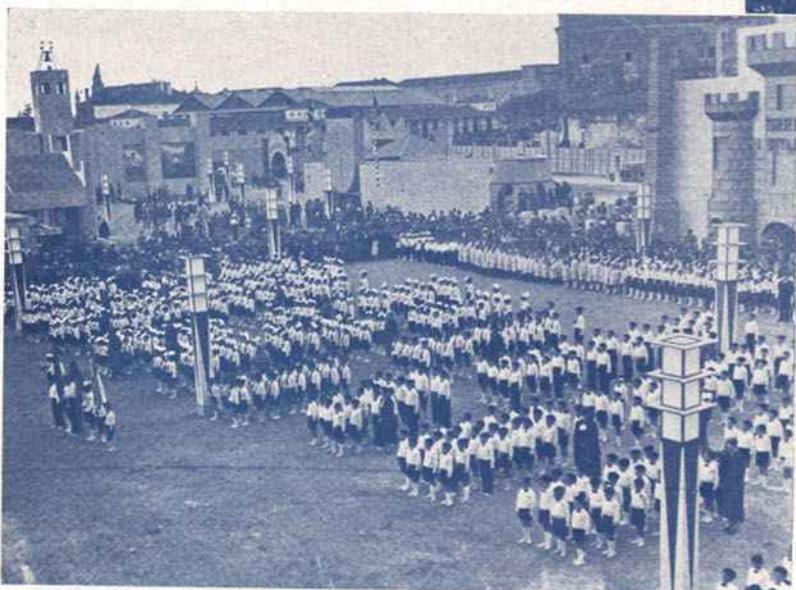
A Exposição-Feira, que constitue uma admirável afirmação de vitalidade, obteve um êxito que excedeu as previsões mais optimistas. Todo o distrito ali se faz representar com artísticos «stand» e milhares de pessoas vindas dos mais afastados concelhos e do resto do país acorreram a visitá-la, dando a Santarém um ambiente de invulgar animação.

Sob o ponto de vista artístico, em especial, a exposição marcou um êxito, que impressionou agradavelmente os seus numerosos visitantes. A fachada, constituída por altas colunas, encimadas pelas armas dos diferentes concelhos do Ribatejo, dá entrada para o recinto, todo êle vedado por uma muralha em que predomina, como motivo de decoração, a cruz de Cristo. Logo à entrada vê-se uma alegoria à vida da lezíria, executada por Manuel de Oliveira.

Ao longo da avenida central da Exposição encontram-se os



principais «stands»: os de Tomar, projecto de Henrique Tavares; Golegã, Chamusca, Constança e Barquinha, reunidos num só, da autoria de José Augusto Madeira; Almeirim, de Saúl de Almeida e Quintino Duarte; Benavente, dos mesmos artistas; Rio Maior, de Francisco Barbosa; Cartaxo, Alpiarça, Salvaterra de Magos, em cuja fachada António Baptista pintou a cena da corrida



em que perdeu a vida o conde de Arcos; Mação, Sardoal e Ferreira do Zêzere que se apresentam em conjunto; Alcanena, de António Cristino; Torres Novas, de Saúl de Almeida e António Duarte; Coruche, que reconstituiu um típico «monte» alentejano; e Vila Nova de Ourem, cujo «stand» reproduz o castelo de Ourem, trabalho notável do artista Domingos Palma. Finalmente Santarém apresenta um grande «stand», projecto exterior de Saúl de Almeida e trabalhos dirigidos pelo vereador sr. Manuel Reis Cardoso. Expuseram ainda a Junta Geral do Distrito e a Comissão de Iniciativa e Turismo de Santarém.

EXERCÍCIOS DE CAMPANHA

PARA INSTRUÇÃO FINAL
DOS RECRUTAS
DA GUARNIÇÃO DE LISBOA

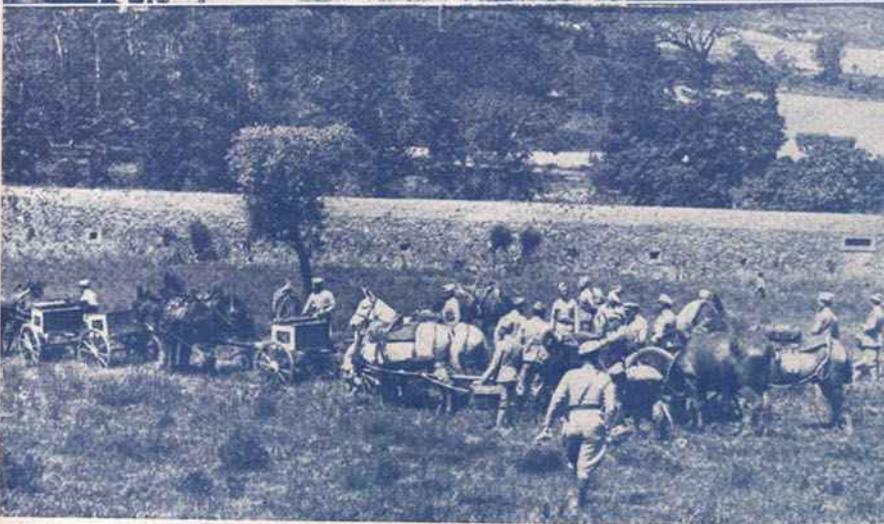
As últimas semanas foram de grande actividade militar. Diversas unidades da guarnição de Lisboa e do resto do país realizaram exercícios de



campanha, em que se pôs à prova a instrução dos recrutas e a boa ordenação dos diferentes serviços.

Como era de esperar, as manobras demonstraram o valor militar e a disciplina das unidades que nelas tomaram parte, tendo satisfeito os altos comandos que dirigiram a sua realização e apreciaram os resultados.

Citaremos entre outros, os exercícios de Metralhadoras 1, realizados no



sítio denominado. A da Beja. Tomaram parte mais de 400 soldados, constituídos por duas companhias de metralhadoras pesadas, uma de atiradores, uma secção de morteiros e outra de transmissão e sapadores, trens de combate e de viveres e serviço de saúde. O tema dos exercícios era o seguinte: defesa da região ao norte da Amadora, cuja ocupação tinha por fim deter o avanço do partido azul.

Por sua vez, os recrutas de Caçadores 5 efectuaram durante dois dias exercícios de ataque e defesa nos terrenos da Falagueira, à vista da capital. Os soldados, em número de 500, tomaram posições para o desenvolvimento do tema determinado pelo seu comandante, sr. major Luiz Alberto de Oliveira. Organizou-se uma posição de resistência com as três linhas recomendadas pela tática: a principal, a de reforços e a de barreira. A primeira e a segunda eram formadas por atiradores e metralhadoras e a última constituía a retaguarda, distanciada 1500 metros das outras. Destinava-se esta a recolher os fugitivos e a continuar a resistência no caso do inimigo teórico conseguir forçar as duas primeiras.

As gravuras que ilustram esta página mostram alguns aspectos dos exercícios de Metralhadoras 1.



Ana Pereira e Pedro Cabral na «Marechala»

Ana Pereira

— a Marechala da Arte

da barra dizia ela aos colegas meio enjoada: — “Tragam-me êsse negro!” (êsse negro era eu); mas logo depois, apenas eu a beijava, dava-me ela uma pinça, e dizia-me: “ande lá, faça alguma coisa: tire-me estes pêlos do queixo!”...

“Chegados á Terceira desembarcamos de uma jangada. A Isabel Berardi era a sua dama de companhia. Ninguém tinha ainda hotel...”

“A querida Ana Pereira, sentada no banco duma praça, mandava-me chamar e dizia:

“— O’ Pedro Cabral, olhe que eu à noite não represento a “Marechala” sem ter a cabeleira prateada!...”

“Que saudades dêsses tempos! 22 anos já lá vão!

“Permite, querida actriz, que te ofereça estes pensamentos quem te admirou e ainda teve a honra de trabalhar a teu lado...”

Quando Ana Pereira leu esta saudação, indignou-se ao rubro.

— Parece impossível — dizia ela — que o Pedro Cabral tenha o ousio de afirmar que eu lhe pedia para me tirar os pêlos do queixo! Nem á Rosa Damasceno, (e era uma das amigas mais queridas) eu fiz semelhante pedido! No resto, está certo. Chamava-lhe negro, como chamei coisas bem piores ao Francisco Palha. Olha, uma vez, no calor duma discussão com êle disse-lhe que não me fizesse saír de mim, senão fazia-lhe da pêra um sino!... Não, o Pedro não tem razão. Nunca lhe pedi que fôsse o meu depilador. Ora, deixa estar que logo que o apanhe a jeito, hei de tirar isso a limpo!...

Pedro Cabral, coitado! não fizera aquilo por mal. Ao tentar ser sincero nas suas expressões, mostrou apenas não ter aproveitado o suficiente das lições de etiqueta tantas vezes recebidas na representação da “Marechala”. Coisas dessas, fazem-se, mas não se dizem...

Um outro, cujo nome não podemos revelar — e que já lá está também na terra da verdade — enviou nessa altura uma cativante carta á insigne actriz. Eram ambos septuagenários.

Dizia êle: “Eu amei Ana Pereira. Amei-a e não me envergonho de dizê-lo hoje que já o pêso de 75 anos feitos me aproxima da morte inexorável, hirta e talvez benfazeja. Amei-a... e o meu amor era puro, sincero, casto e respeitador — um amor que infelizmente é raro nos tempos de hoje — um sentimento silencioso, morti-

ficante, uma chama que me abrasava e consumia sem que das minhas fibras dilaceradas se divisasse um estremecimento denunciador.

“Tantas vezes passei por ela e nunca lho disse! Tantas vezes a esperei á saída do teatro só pelo prazer espiritual de a vêr mais uma vez, e nunca me apresentei a confiar-lhe o meu segrêdo!

“Um dia, Ana Pereira abandonou a cêna por uma futilidade, um capricho dos seus nervos de artista, e desde então nunca mais a vi. Para matar saudades, eu ia, de vez em quando, aos teatros por onde ela passára, e pude vêr, então, que a Divina Arte ainda vestia crepes ao fim de tanto tempo...”

“E nunca mais voltei a ver representar.

“Será um fanatismo que me conduz? Será!... nem mesmo quero ser injusto para os grandes artistas que o nosso palco ainda tem por felicidade.

“Se espraíarmos o nosso olhar pelo passado e contrastar-mos as glórias idas com as glórias presentes, teremos a impressão nítida e profunda de que Emilia das Neves e Rosa Damasceno são insubstituíveis, como insubstituível é a criadora da “Marechala”.

O velhote escrevia ha 19 anos todas estas coisas que cada vez vão tendo maior oportunidade. Já faleceu — e fez bem, pois se ainda vivesse, não resistiria agora a tais contrastes.

Tem-se visto para aí cada coisa!

Ainda temos bem presentes as expressões dolorosas da gloriosa actriz ao citar as imitações que uma ou outra artista de ambições desmedidas em recipiente exíguo de talento, tentava levar a efeito, na esperança de celebridade. Além do decalque grotesco do que fôra realizado por Ana Pereira, não saído do ridículo do seu “eu”. Dir-se-ia um jumentinho que tentasse acompanhar um cavalo *pur sang* numa aparatosa corrida de categoria internacional.

Os anos foram passando, lentos e pesados como a digestão duma giboia. Hoje poucos se lembram já do insubstituível talento de Ana Pereira — e é êsse o único motivo de não virem abaixo os teatros com a indignação do público.

O illustre crítico Rafael Ferreira, ao vêr surgir a gloriosa artista na sua famosa criação, chamou-lhe a “Marechala da Arte”.

Grande verdade!

Ana Pereira, mesmo depois de morta, continua a conservar o seu bastão, até que apareça alguém com talento bastante para lho arrebatá-lo.

Quanto ao resto, podem fazer o que melhor lhes apeteça. A “Manola”, da “Noite e Dia”, a Carlota, do “Barba Azul”, é ela e sempre ela, quer queiram, quer não.

Sérgio de Montemor.

QUANDO ha dias vimos os cartazes teatraes anunciando a representação da “Marechala”, recordamos com saudade a gloriosa actriz Ana Pereira, criadora insigne e insubstituível desta famosa peça.

E a nossa saudade aumentou ao recordar piedosamente a sua morte ocorrida no mês de Junho, numa casa humilde e ignorada da rua do Rato.

Já lá vão dezasseis anos, mas a sua recordação mantem-se perene, viva e firme como no derradeiro dia em que a vimos.

Em 1917, sendo por nós organizada no teatro da Trindade uma festa para dulcificar a miséria em que a gloriosa velhinha vivia, o actor Pedro Cabral enviou-nos as seguintes linhas cheias de emoção e sinceridade:

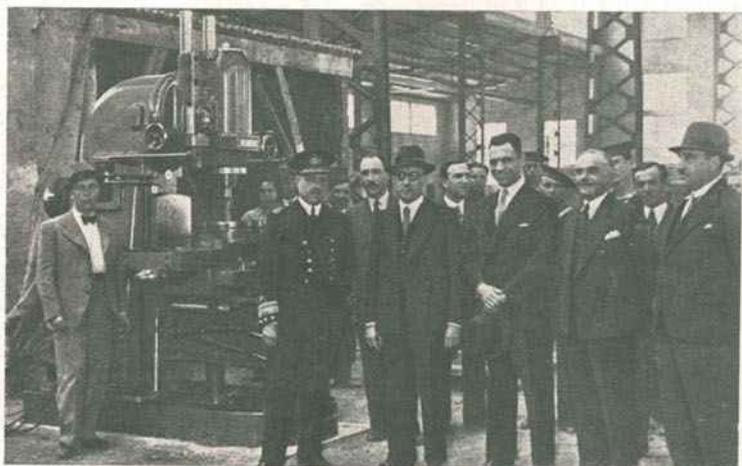
“Tinha eu então 13 anos e já começava a adorar a Ana Pereira. Vi-a pela primeira vez no Trindade, no “Barba Azul”. Estava eu então no colégio do Godinho, à rua dos Mouros. Meu padrinho, o inolvidável Júlio César Machado, arranjára-me com grande custo um bilhete de geral para assistir a essa *première*. Quantas noites sonhei com a Carlota do “Barba Azul”!

“Em 1877 estreei-me como actor no teatro do Gimnásio, empreza José Romano, e quem havia de dizer que em 1894... “...trabalhava ao lado dêsse grande génio do Teatro Português, na rua dos Condes? Ao lado dela, sentia-me ainda mais pequeno do que sou, quando recebia da “Marechala”, a lição de etiqueta. Desnor-teava-me aquele grande talento, e tive a honra de ser eu o único empregário que conseguiu que a Ana Pereira saísse a barra em 1895...

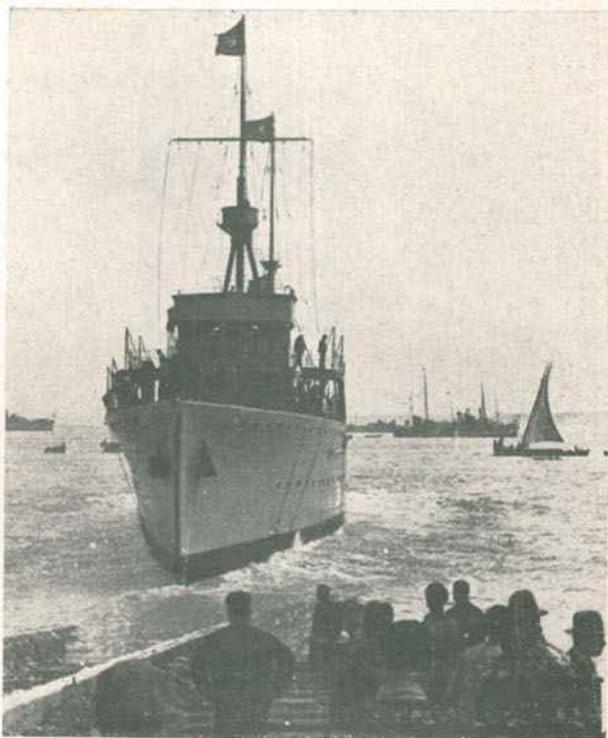
“...numa *tournee* aos Açores. A’ saída

ACONTECIMENTOS NAVAIS

Visita ministerial às obras do Alfeite



Os srs. ministros da Marinha e das Obras Públicas visitaram no dia 14 do mês findo as grandes obras do novo Arsenal da Marinha e da Escola Naval, a instalar no Alfeite. Os visitantes foram ali recebidos pelos srs. contra-almirante Mendes Cabeçadas, intendente daquele estabelecimento, e major D. Luiz de Mesquita, director das obras, engenheiros civis e navais, etc. Os dois ministros percorreram demoradamente as oficinas onde estão já instalados grandes e modernos maquinismos e passaram depois à Escola Naval que já no decurso do ano corrente começará a ser utilizada.



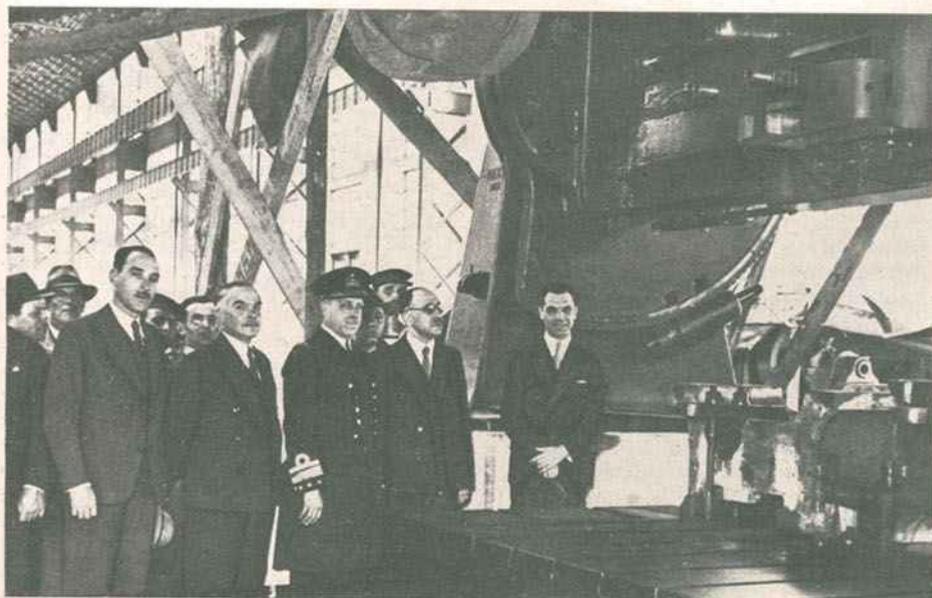
Lançamento à água do aviso de 2.ª classe «João de Lisboa»

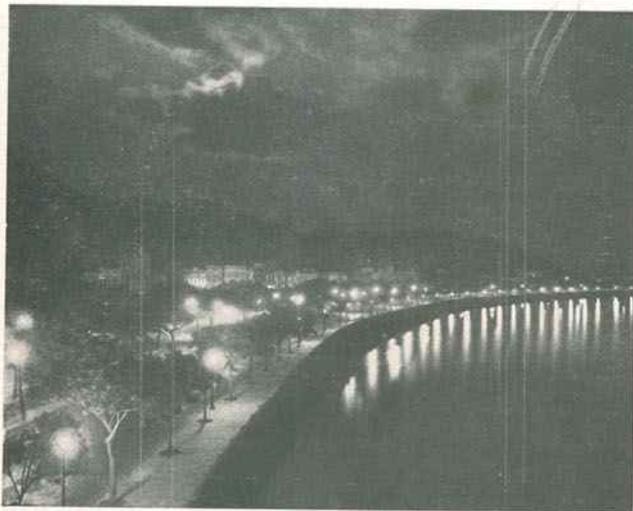
No Arsenal da Marinha foi lançado à água no passado dia 22 o aviso de 2.ª classe «João de Lisboa», o último dos catorze barcos com que a nossa Marinha de Guerra foi dotada nos últimos anos. Um acidente imprevisto obistou a que no acto do lançamento se realizassem as cerimónias do estilo. Devido ao peso excessivo, o navio deslizou ao longo da careira e entrou na água antes do tempo. O facto, que não teve quaisquer consequências, não impediu, contudo, que a cerimónia constituísse uma entusiástica manifestação de aplauso à perseverante política naval que vem sendo realizada.

Ao acto assistiram o Chefe do Estado, o Presidente do Conselho, o ministro da Marinha e outros membros do Governo, os altos comandos da Armada e muitas entidades oficiais. Por ordem do sr. ministro da Marinha editou-se um pequeno folheto, ilustrado, de excelente aspecto gráfico, no qual se fala do novo barco e se traça a biografia do navegador que lhe dá o nome. O Chefe do Estado, no final, concedeu com a Ordem de Mérito Industrial os operários-chefes Manuel da Silva Remaldo e Silvestre Tavares, que o sr. ministro da Marinha lhe apresentou com breves palavras de elogio às suas qualidades de trabalho e dedicação.

Julgamento do comandante do «Patrão Lopes»

RESpondeu perante o Conselho de Guerra, no dia 15 do mês findo, o capitão-tenente sr. Fernando Monteiro de Barros, comandante do navio de salvação «Patrão Lopes», que encalhou há meses perto do Bugio, na barra de Lisboa. O prestígio do réu e as circunstâncias em que se deu o sinistro foram reconhecidas pelo tribunal, que prestou justiça ao injuste oficial da marinha ilibando-o de qualquer culpa. As nossas gravuras mostram à esquerda os julgadores capitão de fragata Palma Lamy, capitão de mar e guerra Azevedo Franco, e juiz auditor Correia Baptista; à direita o réu durante o julgamento.





Rio de Janeiro — Botafogo

VOLTANDO a falar-se no bárbaro assassínio do marquês de Loulé, vem a propósito tornar público um documento que quasi rehabilita o autor do crime. Fômos encontrá-lo perdido na monografia. «Admirável Igreja Matriz de Loures» que Joaquim José da Silva Mendes Leal coligiu com a sua paciência de nonagenário.

Pois o marquês de Loulé, quando da entrada das tropas de Junot em Portugal teve a honra de ser nomeado pelo general napoleónico nada menos que comandante do 3.º regimento de cavalaria da Legião Lusitana.

As verduras dos seus 27 anos rejubilaram com a escolha de Junot, embora a mascarasse na inutilidade de qualquer resistência perante a força. Sentia-se tão à vontade na sua nova missão que três anos depois, acompanhava Massena na terceira invasão contra Portugal, julgado à revelia pelos tribunais portugueses, em 21 de Novembro de 1811, foi condenado à morte.

Seis anos se conservou na França, aguardando o momento asado para voltar à posse dos seus bens. Entretanto, sua irmã D. Eugénia, dama da rainha, ia preparando o terreno, valendo-se de todas as influências da corte, instalada então no Rio de Janeiro.

D. João VI acabou por perdoar ao traidor, embora salvando as aparências com uns escrúpulos que nunca sentira. De resto, o Marquês de Loulé limitara-se a cumprir até ao exagero a recomendação que D. João VI fizera aos portugueses, quando fugiu para o Brasil: «Recebam bem os franceses».

Concedido o perdão, o Marquês de Loulé julgou-se no dever de registar este facto numa espécie de diário que expressamente escreveu, na intenção de patentear o seu reconhecimento por todos os que contribuíram para a sua reabilitação.

Eis o famoso documento traçado pela própria mão do marquês de Loulé:

«Cheguei à corte do Rio de Janeiro a 27 de julho de 1817. Desembarquei deliaixo do cara-

ter do official francez, e no mesmo dia entreguei na residência da legação franceza todos os papeis, que me haviam sido preciosos até aquelle momento para chegar aos meus fins, sem obstáculos consideraveis. Fui occupar uma hospedaria na rua de Santo Antonio; e no dia 29 procurei o primeiro ministro d'Estado, a quem disse estas poucas palavras: — Rogo a V. Ex.ª queira ter a bondade de pôr na presença de Sua Magestade, que se acha n'esta corte, Agostinho Domingos José de Mendonça, acompanhado tão somente de seus crimes e da firme e invariavel resolução de morrer a os pés do seu Rei. — Segurou-me o ministro que partia no mesmo momento dar parte a El-Rei, e eu retirei-me à minha residência. No dia 30 ás 11 horas da manhã, o ministro da policia me intimou que El-Rei, determinava fosse recluso na fortaleza de Santa Cruz. Parti immediatamente, ás 3 horas da manhã do dia 31. Pedi ao ministro quizesse fazer conhecer a quem competisse que as minhas circumstancias eram taes que precisava pelo menos, entrar no numero dos poucos, a quem a humanidade costuma socorrer. Retirou-se o ministro, tendo a generosidade de deixar ficar em cima da minha pequena mala, a sua propria bolsa. Fiqui entregue a esse ministro polido e cheio de humanidade, que, por muitas vezes, adoçou o martyrio das minhas considerações, torçando-me a acreditar o exito mais favoravel da incerteza da minha sorte.

«Tanta impressão fizeram as minhas circumstancias no leal animo d'El-Rei, que determinou socorrer-me, para o que se deram as ordens mais positivas, e desde o dia 3 de agosto principiei a ser assistido com toda a qualidade de auxilios da Sua Real Casa. No dia 11 fui inquirido pela primeira vez, e bem longe de pertender defender-me ou mostrar algum desejo de que podia justificar-me, confessei meus crimes com aquellas circumstancias que os acompanhavam, o que deu motivo a simplificar as perguntas que se seguiram em numero e mesma materia. No espaço de 15 dias tudo a este respeito se achava concluido e soube então que El-Rei havia confirmado a sentença dada em Lisboa contra mim.

DOCUMENTOS DO LOROSOS

A TRAIÇÃO DO LOULÉ

Um documento que não figurou na devassa

Não duvidei mais da minha sorte, porem tambem não me arrependi de haver dado os passos que tenho referido. Os Grandes do Reino, meus amigos Parentes e mesmo inimigos, correram aos pés do monarcha, a supplicar-lhe que ao menos me perdoasse a pena ultima e alguns houve, tão generosos, que pertenderam captivar seus revelantes serviços feito ao Estado, tão somente por tal objecto. A firmeza do monarcha mostrou a todos a minha sorte estava decidida e, consequentemente, fiquei abandonado ao meu destino; todos perderam a esperança da minha salvação, e muito mais quando viram passar o dia da gloriosa Acclamação e que El-Rei nem ao menos em mim falou. Dois dias depois da Exaltação do Monarcha, alguns Grandes do Reino, em occasião oportuna, entregaram uma memoria ao Soberano; e a guardou, e seus gestos descobriram a todos que a Sua Magestade não convinha que pessoa alguma lhe falasse em mim; e consequentemente esperava todas as horas e instantes o meu supplicio.

«A 20 de março de 1818 entrou na minha prisão Fr. Custodio, cheio da maior alegria e me disse: «Entrando hontem à noite, no quarto d'El-Rei, o achei muito alegre, e me disse: — sabe, Fr. Custodio, que tenho determinado perdoar ao Marquês de Loulé. Bejei a mão a Sua Magestade e lhe pedi licença para ser portador de tão grata noticia. El-Rei me deu a entender que muito estimava a minha resolução e acrescentou: — sim, vae e diz ao Marquês de Loulé que nos dias de hoje e de amanhã recorda a Igreja as grandes finezas que Jesus Christo praticou com os homens; que Eu devo imitar e que por tanto o Marquês está perdoado da pena ultima». Poucas horas depois chegou um correio com a ordem da minha sultura e a licença de poder recolher-me à corte do rio de Janeiro, tendo-me concedido a homenagem de toda a cidade. Fui occupar a mesma hospedaria que já havia occupado, na qual fui cumprimentado pela corte e outras muitas distinctas pessoas.

«Três dias depois da minha residencia na hospedaria, entrava um homem no meu quarto, entregando-me um sacco de demasco com dinheiro e um bilhete fechado, e assim que abri o bilhete, retirei-se o portador, sem esperar resposta; e dizia o bilhete: *quatro contos de reis para o Marquês de Loulé diminuir o numero de seus males.*

«Conheci a letra e a respeitei mais do que mesmo o proprio socorro, que uma alma verdadeiramente grande me liberalizava. No espaço de cinco semanas, tive algumas occasiões de ver El Rei e Sua Augusta Familia; e Sua Magestade me viu algumas vezes, deixando-me sempre a feliz suspeita de que não olhava para mim com indignação.

«Encontrei em uma tarde a Augusta Princeza Real que voltava do seu passeio ordinario; Sua Alteza teve a bondade de parar e dizer-me: vós é que sois o Marquês de Loulé?

«Respondi: disfractei algum tempo essa grandeza. Hoje, minha Senhora, sou um desgraçado.

«— Marquês, não convenho nisso, disse a Princeza. Meu Pai, Rei do Reino Unido, não é vosso inimigo. Respondi: Creio, minha Senhora, que o meu Rei não é inimigo de pessoa alguma; porem, tambem acredito, que eu já não posso ter amigo verdadeiro. Sua alteza, para me tirar do embarço em que me via, chegou mais a mim e me fez a honra de dar a mão a beijar; continuou a sua marcha e eu fiquei lutando com as minhas oppostas considerações. Quatro dias estive no meu quarto, sem sair fóra porque todo o tempo me parecia pouco para considerar na minha situação. Mil conjecturas fazia; outros tantos partidos tomava, porem tudo ficava destruido pela cruel consideração de quem tinha sido, quem era, e a quem tinha offendido. Às 11 horas da noite do quarto dia entrou o meu amigo Marquês de Bellas no meu quarto, dando-me um abraço com as lagrimas nos olhos, e me disse: a Princeza visitando esta tarde El-Rei, fez recabar a conversa no encontro que tivera com você. A Princeza teve a delicadeza de dizer a El-Rei diante de mim: não quero offendere o coração de meu pai, em pedir-lhe favores para o Marquês de Loulé, pois não quero que ninguem presuma que a uma Princeza se deve a conclusão de uma obra tão generosamente principiada por um Rei. Aproveitei a occasião e disse: eu teria já acabado esta questão, se eu fosse Agostinho Domingos José de Mendonça...

«Como? me disse o rei.
«— Lançando-me aos pés de Vossa Magestade, teria achado o meu descaço.
«— E porque não tem o Marquês de Loulé dado esse passo? Espera que o procure?
«— Bejei a mão a Sua Magestade, sah immediatamente e declarei-vos que El-Rei vem depois de amanhã a esta corte, e que vos reguleis; salvo o que vos tinha dito; e a Deus.



Vista do Rio de Janeiro

«Sahi o Marquês de Bellas, e eu fiquei quasi como louco, parecendo-me que existia em um diverso mundo. Dois dias depois, a duas léguas e meia distantes da corte, esperi o meu Rei e, na distancia que me pareceu conveniente, ajoelhe no meio da estrada. Chegou Sua Magestade, fez parar o seu palanquim e me disse muito brandamente:

«— Que quer o Marquês?
«— Lembrar a Vossa Magestade que a minha disolada familia não tem parte nos meus crimes, e depois morrer aos pés do meu augusto Soberano.
«— O Marquês expoz-se a muito vindo a esta corte sem alguns auxilios.
«— As virtudes de Vossa Magestade me animaram a dar um passo tão arriscado.
«— Dizei, Marquês, estaes convencido de que devo perdoar-vos?
«— Não, Senhor, os meus crimes impedem essa ventura.
«— El-Rei volta-se para a sua equipagem e lhe diz:

«— E' o primeiro que fiando-se no meu coração, veio entregar-se nas minhas mãos. Volta-se para mim e disse:
«— Vossos crimes ficam aqui sepultados. Nunca mais me lembrarei d'elles. Tudo vos dou até mesmo a minha amizade, para vos confirmar que não vos enganastes com o coração do vosso Rei. Vinde para a corte na qual já não ha lugar vedado para o Marquês de Loulé».

«Entim, D. João VI foi tão generoso que, após ter chorado amargamente a tragica morte do seu estribreiro-mór e conselheiro, deu ao filho do assassinado todos os bens e honrarias de seu pai, e ainda a propria filha, a princeza D. Ana de Jesus Maria, como esposa.

E assim ficaram quites.
O rei esqueceu, porque assim convinha à sua commodidade e à sua situação de pai. Para que havia de alastar mais um escândalo que, por mais esmiuçado que fosse, não daria vida ao desventurado marquês?

O rei esqueceu, mas a opinião pública é que nunca se convenceu da hipótese de desastre que os migueletas engendraram para salvar o bom nome do seu chefe muito amado.

Nem houve desastre, nem o móbil do assassinio foi o roubo, visto que nas algibeiras do morto foram encontrados vários objectos de ouro



A Infanta D. Ana de Jesus Maria

e moedas, além do grilhão e relógio que não deixaria de tentar o mais escrupuloso ladrão.

«Quem teria sido o criminoso? Sabia-se que a rainha Carlota Joaquina, dando largas à sua ambição insaciavel, pretendia apoderar-se do governo da nação, fazendo proclamar rei o seu filho D. Miguel. No fim de contas, este governaria, *in nomine*, à semelhança de Carlos IX, tendo a movê-lo, por traz da cortina, uma nova Catarina de Medicis.

Surgiu, então, a conspiração que começou por fazer correr que o rei D. João VI estava sendo desrespeitado pelas cortes, e que, a bem do poder absoluto, se tornava absolutamente necessário esmagar a raça liberal que apenas tinha em vista anarquizar o país.

«Guerra, portanto, aos liberais que com as suas apregoadas liberdades conduziriam a pátria à ruína e à última das abjecções.

D. Miguel, simulando acelar a autoridade paterna, conseguiria levantar o país, e, uma vez senhor da situação, obrigaria o pai a abdicar em seu favor, a bem ou a mal, fosse como fosse.

«Esta urdidura era conhecida do marquês de Loulé que fazia todos os esforços por entravá-la no seu proprio interesse. A hostilidade do marquês não assentava em patriotismo nem no bom desejo de ser grato ao seu rei que lhe salvaria a vida e a fortuna.

«Quem acompanhou Massena na sua invasão contra Portugal, não teria dúvida em bandejar-se com os partidários de D. Miguel... se estes o aceitassem com todas as honras. Mas se o infante nutria por elle a maior aversão, não lhe convinha, em caso algum, o triunfo de D. Miguel. Dá a sua hostilidade tenaz e importuna. Neste caso, não havia que hesitar. O marquês encomendava os migueletas? Nada mais simples: dava-se cabo d'ele, na primeira oportunidade. Esta surgiu em Salvaterra quando se ensaiava um entremés para os folguedos do Entrudo.

O marquês levantou-se, em dada altura, e meteu por um escuro corredor. Os sicários espiavam-no, e, a coberto da treva, mataram-no o mais limpamente que foi possível.

«Entim, executou-se a terrivel sentença que, anos antes, o condemnara justamente à morte pelo horrendo crime de alta-traição.



Príncipe de Gales (futuro Eduardo VII)

MAIS uma das crônicas que Eça de Queiroz escreveu de Newcastle, e que ficaram perdidas se um feliz acaso não as guiasse até às nossas mãos.

Nas suas linhas elegantes e incisivas ressaltam o amor, a ternura e até o culto do genial escritor pela França que o atraía e havia de rodear de mimos até à hora da sua morte.

O genial autor da «Ilustre casa de Ramires», dando largas ao seu entusiasmo pela França, fazia um sacrifício enorme em conservar-se em Newcastle, cidade tristonha e neoponta, que o enchia de desolação e desânimo. E então, para mais facilmente passar o tempo, lá escrevendo, escrevendo, mas sempre com o pensamento na pátria que glorificara Vitor Hugo e negra sепultura a Voltaire.

Todas estas cartas, embora enlameadas a um jornal português, eram outras tantas declarações de amor que enviava a uma namorada distante. Desejava ardentemente embrenhar-se



Eça de Queiroz, caricatura de Stuart

na França, curti-a a sua ansiedade escrevendo os longos relatórios que, como consul de Portugal, era obrigado a enviar ao seu ministro dos Negócios Estrangeiros, mas não deixou nunca de ser um ironista subtil e encantador. A sua chegada a Newcastle prova-o eloquentemente.

«O empregado, ao fazer-lhe entrega do Consulado — conta Archer de Lima no seu livro «Eça de Queiroz diplomata» — mostrou-lhe que tudo aquilo estava gasto; havia muitas faltas, a própria cadeira estava desengonçada.

«— Está muito bem, responde o consul, tem a vantagem de ser também cadeira de baloço.

«O vice-consul ia-o ouvidado com espanto. A qualquer informação, Eça de Queiroz tinha resposta pronta, para tudo achava remédio, para tudo arranjava solução.

«— Mas há mais, continuou o empregado, a bandeira portuguesa está toda rasgada.

«— Magnífico! responde o mestre, toda rasgada. Assim é que deve ser a bandeira portuguesa; varada pelas balas, é um símbolo da batalha.

«— Mas, objecto a meio do chanceler, é que esta bandeira não entrou em nenhuma batalha. Está velha porque há trinta anos que a temos.

«— Neste caso é uma reliquia. Assim é que está bem. Trinta anos em Inglaterra, é digna de ser mencionada. E sem pedir promoção... É uma bandeira histórica. E que mais?...

«É continuaram assim no mesmo tom...»
Mais de meio século decorreu sobre tudo isto, e o espírito ciutillante continua a refugir nas magníficas páginas que nos deixou.

As cartas que rabiscou a correr, sobre o joelho, e só para satisfazer os instantes pedidos do seu amigo Anselmo de Moraes Sarmento, mostram flagrantemente a espontaneidade que Eça de Queiroz tinha em escrever. Nestas linhas não há o estíllito torturado que emendava sempre até à 90.ª prova, se lhe enlanssem; aparece o escritor, escrevendo ao correr da pena as suas correspondências para um jornal da sua terra.

Londres, 21 de Maio de 1878.

HÁ entre os provérbios diplomáticos um que diz que «quando a França está descontente, a Europa está em perigo». Pode dizer-se que quando a França está feliz, a Europa está tranqüila; desde que a Exposição se abriu, e que a França celebra em Paris a sua grande festa de ressurreição, toda a Europa tem um tom mais calmo; corre uma aragem consoladora de paz e de conciliação, a mesma atmosfera de armamento se afrouxou, e os homens de guerra e de rapina, os Bismarks, os Gortschakoffs, aproveitam este intervalo sereno para curarem os seus reumatismos. Exala-se da exposição, parece, uma emanção de concórdia, de trabalho, de civilização, que enche os espíritos dum salutar desejo de fraternidade e de paz.

As espadas, meio saídas, recaem nas bainhas, as vozes irritadas de desafio adoçam-se em explicações plácidas, o czar humaniza-se, a Inglaterra desfranze a carranca, e todo o mundo respira um vago aroma de folhas de oliveira, símbolos de paz,

O PASSADO O PRESENTE

A AMIZADE AGLO-FRANCESA
COMO EÇA DE QUEIROZ A VIA HA 58 ANOS

É a Exposição de Paris, é essa colossal acumulação durante oito anos voluntariamente voltada para o chão. ciência, de arte, de indústria que espalha em redor, há sete anos! Neste mesmo mês de Maio, franceses Europa, um influxo santo de serenidade. Paris, no fustigaram-se contra franceses, numa guerra feroz e fanática é a grande capital da civilização; o seu mesianismo é vez, sob os frios olhares dos prussianos que, de recontestável; o que ela pensa é-nos dogma, o que ela quer, de braços cruzados, esperando sossegadamente os é-nos lei: o mundo instintivamente obedece-lhe: há nemis cinco *milliards*, viam, cofando as barbas doutorais, não sei que graça magnetizadora, que forte ascendência a arder!

espíritual, a que se não resiste: a humanidade civiliza! É sete anos depois, pagas todas as dívidas, libertado todo tem por ela um vago amor e deixa-se docemente fustigar território, reedificadas todas as ruínas, replantados todos zar: se ela nos impõe a idiota canção *C'est l'amant d'Amor* campos, a França está bastante de posse de si mesma, da, protestamos primeiro, rimos depois, terminamos tostante rica, com vagares bastantes para dar ao mundo, por cantá-la; se ela nos impõe uma ideia social, podemos sua capital embelezada, a maior festa de civilização d'êste um momento hesitar, acabamos todos por servir-lhe: seulo! Valente nação!

que ela quer tem a nossa admiração certa, ou seja Otis Diz-se que toda esta forte ressurreição é devida à Rebauch ou seja Gambetta; ela exerce a fascinação de centúbia, Bom Deus! sejamos justos: é devida à França! olhos de mulheres, cuja luz convence; hoje Paris quer o seu imenso poder de recuperação, o seu génio, a sua a paz, e a Europa já não se atreve a fazer a guerra, a sua economia, a sua sábia previdência que Aqui, pelo menos, não se fala senão na Exposição: a habilitaram, depois dum curto espaço de recolhimento dem do dia é it a Paris, os indivíduos que ainda não de trabalho, a reaparecer à frente da civilização, mais muram algumas frases sobre a Bulgária, o tratado d'êste, mais rica, mais inteligente, outra vez — *la belle France*, S. Stefano, Constantinopla, etc., parecem obsoletos e ca E aparece-nos com uma feição que não lhe conhecia-mos, turras, nós os que fomos educados, quando já o império estava

Quem se ocupa do escravo? que significam essas antigas — aparece-nos grave e alegre. Não perdeu nada de lhas lúgubres? O que importa é chegar a Paris, saltar por, e ganhou muito de reflexão: abandonou sobretudo um fiacre e abalar para o Trocadero! E o que atrai a Paz dos seus defeitos irritantes, a jactância, aquele alarde ris, não é tanto admirar as maravilhas que o mundo hárrão, retorcendo as guias e de mão na cinta, que fazia propor aos mais práticos, aos mais moderados como Emile de Girardin, que não se batesses os prussianos a tiro, mas a coronhadas, por desprêso!



As felicitações da imprensa inglesa à França pela sua *aleluia*, têm sido nobres, fraternais, profundas. A França tem-se enternecido. Mas o que a fisonomeou, o que a electrizou, foram as belas palavras do príncipe de Gales, no banquete que lhe ofereceram em Paris os expositores ingleses. Respondendo à saude que lhe fizera Lord Granville, dirigiu-se ao ministro das Obras Públicas de França, e disse-lhe:

«Diga à França que a amo de todo o coração, que ninguém segue mais comovido a sua prodigiosa prosperidade, e que a Inglaterra se rejozija em concorrer para o esplendor da Exposição, feita no país que sobre todos estima, e ao qual tanto deve!»

Estas frases foram cobertas por um *hurrah* prodigioso dos trescentos expositores ingleses que se sentavam ao banquete, e que eram todos celebridades da aristocracia, da ciência, da arte, e da indústria — e no outro dia ecoavam por toda a França.

A alegria dos jornais republicanos foi imensa: em artigos comovidos, todos agradeceram as palavras mais amigas, e as primeiras que um príncipe estrangeiro dirigia à França depois dos seus desastres. O «Paris-Journal», como um homem que a emoção sufoca e que põe todo o seu reconhecimento numa exclamação curta e balbuciada, imprimiu apenas em caracteres grossos: *Merci, Monseigneur!*

O facto é que o príncipe de Gales é hoje um dos homens mais populares da França. Paris adora-o; sem lhe fazerem as ovações que a gravidade republicana não comporta, cercam-no, onde quer que vá, dum simpatia comovida.

Em Inglaterra, mesmo, a satisfação pelo discurso do príncipe é grande. No fundo, a Inglaterra tem uma simpatia, digamos um *fraco* — é a França. E ama-a desinteressadamente: a Inglaterra é um país de raciocínio muito prático para sonhar quimeras, e sapor que a França, porque um príncipe inglês ergueu o seu copo de champanhe e lhe dirigiu em francês muito parisiense algumas palavras de simpatia pessoal no calor dum bom jantar, — que a França vai, toda reconhecida, apoiar a Inglaterra nas suas pretensões ou nos seus interesses políticos.

A Inglaterra, por exemplo, na questão do Oriente, não conta com a França; não espera nada dela, em circunstância alguma, a não ser naturalmente aquele alto apoio moral, a simpatia de espírito que se devem a duas grandes nações que se não no mundo responsáveis pelo progresso humano.

O amor da Inglaterra à França (que se tem sempre desenvolvido desde 1830, mas que tomou uma feição mais íntima desde a queda do infecto império) tem bases seguras, com raízes no mesmo temperamento das duas nações, e é a garantia, creio, duma longa paz entre elas. Em primeiro, estimam-se como dois velhos combatentes leais, que foram, um para o outro, causa de grande glória; se a Inglaterra expulsou a França da Índia, a França, promoveu e realizou a expulsão dos ingleses da América; se Napoleão durante dez anos teve, através do continente, a Inglaterra, em completo *recheo*, o leão britânico



Os elegância de Eça de Queiroz

nico tomou a sua desfora em Waterloo; depois foram aliadas na Crimeia, e aliadas na China. Mesmo, combatendo-a ou recusando-lhe o seu auxílio, a Inglaterra fez à França impagáveis serviços: em Waterloo, desembarcou-a dum tirano insensato; em 1870, deixando consumir o grande desastre, desembarcou-a para sempre dos Bonapartes. Terminado o período da guerra, as relações comerciais das duas nações visinhas cresceram a ponto que, sem uma, a outra faria bancarrota. O inglês, que não sabe língua nenhuma, só condescende em aprender o francês; é por isso talvez que é a nação que mais visita; é raro o inglês que não tenha percorrido a França; socialmente, Paris é quasi tanto a sua capital como Londres; se em Paris encontra a vivacidade, o brilho, a *verve*, a vida que o seduz, nas provincias encontra as sólidas qualidades que admira, e, sem as quais não concede a sua estima — as qualidades de trabalho, de virtude doméstica, de perseverança e de probidade.

A França é o jardim da Inglaterra: é lá que o negociante vai descansar do tráfico da *City*, o fidalgo da monotonia da vida do campo, o professor dos trabalhos de escola, o clérigo da segura das missões.

É a única nação que o baixo povo estima; *frank* e *frankman* são as palavras com que a população designa o estrangeiro amável; quando as ruas, nalguma paiz nacional, se ensopeavam e se adornam, a única bandeira europeia que se vê é a heróica tricolor; nos livreeiros das mais pequenas vilas vendem-se livros franceses. O inglês tem um reconhecimento profundo ao país que produz o vinho de Borgonha; a inglesa é grata à terra que lhe manda as rendas de Lyon.

A gente menos educada, que não sabe qual é a forma do governo que rege a Espanha ou a Itália, está ao facto inteiramente da moderna história da França.

Nas classes illustradas, a história e a literatura francesa não são familiares como a inglesa.

Em todos os grandes jornais há diariamente um artigo de fundo sobre os negócios interiores da França; a campanha contra o ministério Broglie, o ano passado, era dirigida pelo «Times». A amizade da Inglaterra pela França é tão forte



Um retrato de Eça de Queiroz

que lhe faz sacrifícios: há um ano que a Inglaterra é aconselhada, instada, persuadida, tentada a que ocupe o Egipto: e porque tem resistido? para não ferir susceptibilidades francesas.

O «Daily Telegraph» disse num artigo memorável: «Percamos todos os interesses, mas não desagrademos aos parisienses». E foi para agradar aos parisienses que a Inglaterra mandou à Exposição o que em arte e indústria tinha de melhor, do passado e do presente. É a Inglaterra certamente que mais concorre para o esplendor da Exposição, e a Inglaterra inteira, como dizem



Uma vista de Londres

os grandes jornais, falou pela boca do príncipe de Gales.

*
* *

Têm sido singularmente lamentáveis os sucessos de Lancashire, onde milhares e milhares de operários tecelões estão em greve. Os motivos desta greve são complicados e prendem-se com uma difícil questão de economia política. Em presença da grande depressão no comércio dos algodões e dos tecidos, os operários entendem que é necessário produzir menos para que os grandes depósitos existentes se esvasiem, e o equilíbrio se restabeleça: os patrões entendem que é necessário produzir na mesma proporção anterior, mas que é indispensável baixar o preço da mão de obra. Esta desinteligência produziu uma greve, a maior que se tem dado em Inglaterra há 50 anos. Greve, cuja especialidade bem triste foi a de que esteve próxima a tomar o aspecto de uma revolta. Os operários de Lancashire passaram sempre por ser os mais inteligentes, os mais sérios, os mais honestos da grande população obreira da Inglaterra: numa semana, num momento de irritação, de vingança ou de desesperança perderam esta nobre reputação. Hoje, os jornais sérios consideram-nos como «a mais infecta população».

Que se passou? Que os operários, em lugar de discutir tranqüilamente (como pediam os jornais sérios) o meio de conciliar as suas divergências com os patrões, preferiram fazer uma pequena insurreição local com todos os incidentes típicos — janelas quebradas, polícia apedrejada, etc.

Ao princípio, isto pareceu apenas um desabafo do temperamento exaltado: esperou-se que a razão voltaria, e com ela a intransigência. Mas, ou que a impassibilidade dos patrões diante desta manifestação de força os irritasse, ou que as pequenas desordens locais lhes dessem o ape-

tite duma verdadeira insurreição provincial, ou que uma multidão imensa de população vadia e ociosa se viesse reunir, na esperança dos proveitos que a anarquia traz à massa mais séria dos operários, o facto é que o que começara por uma algazarra, ia terminando numa revolução. As janelas quebradas levaram às portas arrombadas: depois de algumas pedradas atiradas à polícia vieram os tiros dados contra as tropas; — e por todo o distrito que cerca Manchester, durante três dias, reinou uma anarquia que lembra as clássicas pilhagens dos carlistas nas clássicas guerras civis da Navarra.

Manufacturas incendiadas, casas destruídas, lojas de bebidas saqueadas, patrões perseguidos a tiros, reclamações forçadas de dinheiro e de provisões, nada faltou para dar ao distrito de Manchester o aspecto atroz de uma provincia em poder das hordas de Saballo ou de Dorregaray.

No entanto, a feição típica dêste successo é que os jornais radicais e liberais não só não se indignaram, mas nem sequer lamentaram: limitaram-se a lamentar secamente os ultrajes cometidos.

Das associações operárias não saiu um único protesto contra estas desordens. E não se pode



Marechal Mac-Mahon

negar que a insurreição tenha nas classes radicais uma vaga, uma imponderável simpatia.

Tropas rapidamente concentradas puzeram, naturalmente, fim a êste estado tumultuoso, e os patrões sentiram logo a necessidade de entrar em conciliação com os operários que montam a mais de cem mil.

Se esta conciliação se não fizer, creio que veremos graves acontecimentos.

Eça de Queiroz.

Apesar de todas as suas occupações que eram enormes e afanosas, Eça de Queiroz não deixava de enviar as suas correspondências ao seu jornal com uma solicitude cativante. A lida do consulado de Newcastle dava-lhe bastante que fazer, além dos extensos e bem trabalhados relatórios que pontualmente enviava ao seu ministro dos Negócios Estrangeiros, dando conhecimento da produção de minas, actividade comercial e industrial, de tudo, enfim, que um grande escritor tem sempre repugnância em tratar com autoridade.

Eis, pois, esta nova faceta do genial autor da «Ilustre Casa de Ramires».

A QUINZENA DESPORTIVA

VISITOU Lisboa em meados do mês findo um grupo profissional inglês de football, o Brentford, quinto classificado da Liga, o qual disputou a equipas portuguesas três desafios no espaço duma semana.

Empatando a 4 bolas no jogo de estreia com um selecção onde faltavam alguns titulares, os britânicos bateram depois com extraordinária facilidade o Sport Lisboa e Benfica, parecendo dispostos a confirmar a opinião da crítica que os considerou mestres na arte de manejar a bola com os pés.

No último encontro, defrontando o Sporting Club de Portugal, a classe incontestável dos professores esbarrou na energia e decisão dos discípulos que saíram do campo prestigiados por uma honrosíssima derrota pela diferença mínima, 1-2, sendo esse ponto de diferença um lamentável brinde do árbitro, a quem certamente parecia mal que os "papões" estivessem a ser "comidos".

Este resultado, embora nos não iluda quanto ao valor dos nossos grupos em relação ás boas formações estrangeiras, prova no entanto uma vez mais que, na nossa terra, podemos ser perigoso adversário para qualquer. Subjugados em técnica e em preparação atlética, os jogadores portugueses superam em coragem e vontade os grupos mais equilibrados, surpreendendo-os e perturbando-lhes a mecânica de jogo.

Marcando o seu ponto no primeiro quarto de hora de luta, o Sporting conseguiu defender a vantagem até ao intervalo, o que teve o condão de irritar sobremaneira os ingleses; a tão apregoada correcção britânica habitualmente citada como modelo quando os nossos grupos se excedem, não passa afinal, a julgar pelo comportamento dos homens do Brentford dum verniz que não resiste ao choque mais violento duma inesperada contrariedade.

A insuficiência do director do encontro, que consentiu toda a espécie de exauros e violencias aos visitantes, estragou por completo este período do jogo, e se a calma reapareceu na segunda parte nem por isso o árbitro merece louvor, pois

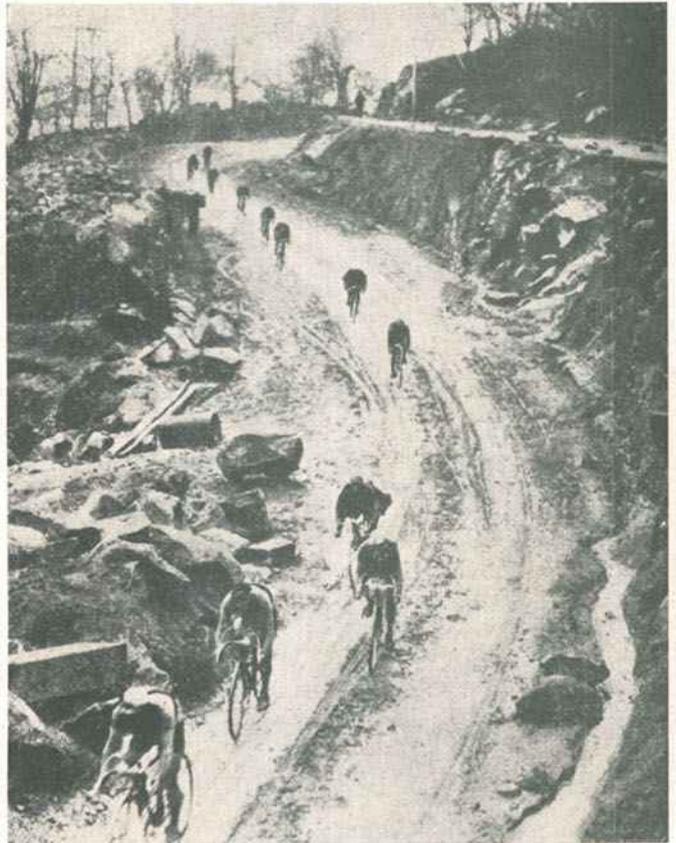
brindou os ingleses com o empate proporcionando-lhes uma grande penalidade que foi uma autêntica enorme barbaridade.

O renome da equipa britânica não foi bastante para atrair ao Estádio grande afluência de público; a época em Lisboa torna-se demasiado longa com a sequencia dos torneios oficiais, que afinal trazem sempre repetições dos mesmos jogos. Durante todo o mês corrente disputar-se-à ainda o campeonato nacional, cujo final está marcado para o primeiro domingo de Julho. Recordando que o torneio regional se iniciou em Outubro, teremos nove mezes de actividade footballística ininterrupta. Para um meio pobre, como o nosso, é sem dúvida exagerado.

O Comité Olímpico Português iniciou a campanha de propaganda para a representação portuguesa nos Jogos de XI Olimpíada, que se inauguram em Berlim nos começos de Agosto próximo.

É necessário ao prestígio do País e ao bom nome do desporto português que os esforços daquêl organismo sejam coroados por um êxito financeiro e de um ambiente, que permitam deslocar à Alemanha um nucleo de representantes correspondente ás nossas possibilidades.

Desde 1912 que as côres de Portugal figuram em todos os desfiles olímpicos e algumas classificações temos alcançado que podem ser invocados com legitimo orgulho: os esgrimistas em Antuérpia, em Paris e em Amsterdão, os footballis-



Os ciclistas da Volta a Espanha tiveram um dos mais difíceis adversários no fessimo estado de alguns caminhos, do que a nossa gravura é exemplo frásente

tas na Holanda, os cavaleiros em Paris, os atiradores em Paris e em Los Angeles souberam dignificar o nome português, como, com a sua morte heroica, o cobrira de louros o desgraçado Francisco Lazaro, em Estocolmo.

Quais poderão ser, êste ano, os desportos seleccionados?

Formaremos um primeiro grupo, o dos indiscutíveis, incluindo atiradores e cavaleiros pela sua classe, esgrimistas pelas suas tradições, e navegadores à vela por que um povo de marinheiros não pode faltar nessas provas; o atletismo também, não pelo valor dos nossos especialistas, mas porque essa modalidade é a base essencial dos Jogos e a abstenção dum país, concorrente noutros desportos, é considerada um testemunho de insuficiência vexatória.

Na sua conferência de 19 de Maio na Sociedade de Geografia, o ilustre presidente do C. O. P., sr. dr. José Pontes, apontou já a probabilidade de escolha de dois corredores da Maratona, escolha que aplaudimos incondicionalmente pois nos parece esta a única prova na qual os nossos homens podem alcançar uma classificação média, sem fulminante eliminação como têm sucedido e sucederá aos corre-



Ol «equipa» do Sporting com o grupo inglês Brentford antes de disputarem o desafio que teve um resultado altamente honroso para o football português



O grupo feminino de «hockey» do Club I. de Foot-Ball

dores de velocidade pura. E' possível que, uma vez mais siga na caravana um especialista dos 100 metros, creditado em provas nacionais de dez segundos e quatro ou três quintos; será mais uma desilusão que nos espera.

Analisando os jogos desportivos incluídos no programa olímpico, apenas dois prendem a atenção: o football e o basket.

O primeiro poderia fazer-se representar em Berlim, embora sem probabilidades de êxito; mas o torneio olímpico tem "chumbo na asa", e não merece o sacrifício que a Federação se imporia para deslocar o grupo nacional. O segundo, o basket, não prestou ainda provas bastantes para demonstrar a sua classe internacional.

Existe, contudo, uma modalidade onde os progressos têm sido extraordinários e cujos campeões são dignos de atenção do Comité Olímpico; referimo-nos ao ciclismo em estrada.

Não levamos o otimismo ao ponto de afirmar possíveis vitórias, mas estamos certos que os rapazes da bicicleta obteriam um honroso lugar entre os adversários.

Uma equipa composta por José Marques, Joaquim Fernandes e Felipe de Melo, tendo chefia-la a intelligencia de Alfredo Trindade, isto no caso de se não revelarem outros valores que superassem estes que, por agora, parecem os melhores, envergaria as côres nacionais com tanta propriedade como qualquer dos desportistas seleccionaveis que anteriormente apontamos.

Enquanto se debate ainda no terreno das incertezas a organização da Volta a Portugal em bicicleta, que este ano parece comprometida pelas exigencias dos dirigentes incapazes de criar, mas sempre prontos a parasitar as iniciativas alheias; enquanto em França prossegue cuidadosamente a preparação do seu "Tour", privado dum dos mais aprecia-

dos atractivos pela ausencia de equipa italiana, consequência estranha do regime de sanções; em Espanha aproxima-se já do fim a prova equivalente, cuja segunda edição 1936 seguiu um percurso autenticamente periférico, com principio e fim no coração do país, em Madrid.

Concorreram à prova alguns especialistas belgas, um dos quais, Jorge Deloor, triunfara da Volta anterior; ao cabo duas primeiras jornadas, particularmente dificultadas pelo péssimo estado do caminho, já este homem occupava o primeiro lugar da classificação com uns bons oito minutos de vantagem sobre o imediato. A partir deste ponto, a prova perdeu interesse e as médias diárias baixaram consideravelmente, ao ponto de serem algumas caminhadas percorridas a menos de trinta à hora.

O grupo feminina de «hockey» do Sport Club do Porto



A razão é evidente; o belga, seguro da sua posição limita-se a defendê-la, e como os espanhóis não mostram classe para lhe dar batalha, a luta caiu na monotonia e limita-se a escaramuças finais para conquista da vitória na etapa.

Em Itália, onde a Volta ciclista está em plena actividade, a competição não conseguiu ainda despertar entusiasmo. Os concorrentes acompanham-se durante o percurso e disputam a classificação na embalagem, em grupos de cinquenta e mais homens.

Estas considerações fazem-nos reconhecer que a Volta nacional é conduzida com bem melhor espírito desportivo, e oxalá as dificuldades se resolvam para que o público — que tanto a estima — não seja privado este ano da sua prova predileta.

O concurso de Gimnástica Educativa promovida pelo Gimnásio Club Português, realizou-se nas condições exactamente previstos na nossa última crónica.

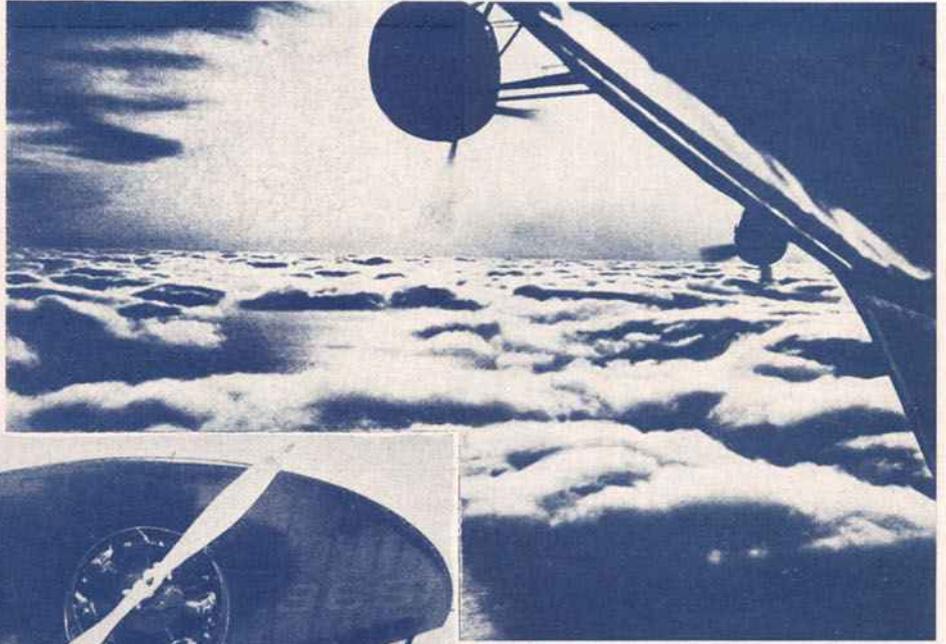
A escassez do tempo de preparação impediu a presença da maioria dos possíveis participantes e, como a lógica indicava, apenas compareceram a dar provas os institutos de internato de estabelecimentos militares e algumas das classes do clube organizador.

As lições executadas agradaram de modo geral, sendo algumas delas verdadeiros triunfos para os professores que as dirigiram. A figura máxima do concurso foi o capitão dr. Leal de Oliveira, cujas classes venceram as duas categorias a que concorreu: senhoras e adultos.

O grupo de alunos da Escola Militar, com os quais obteve a primeira classificação, executaram um esquema difficilimo, artístico, com primorosa e impecavel correcção. E' um nucleo capaz de representar Portugal em qualquer competição com os bons especialistas dos outros países.

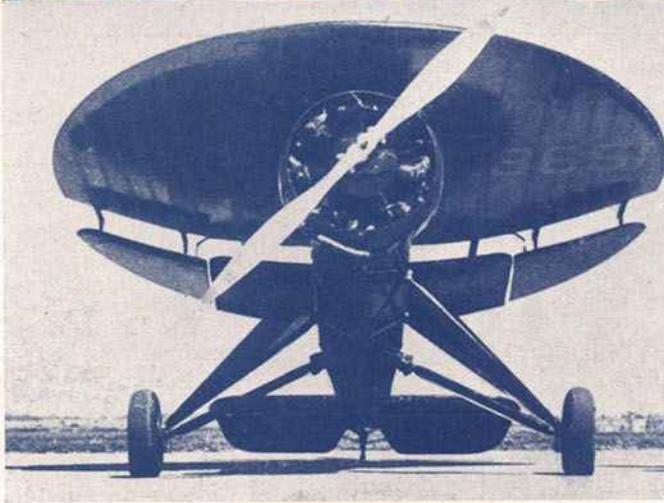
Salazar Carreira.

ASSUNTOS DE AERONÁUTICA



A célebre aviadora inglesa Amy Mollison terminou no dia 15 do mês findo um voo sensacional, em que bateu os «records» do percurso Londres-Cidade de Cabo e volta. Partiu de Gravesend no dia 4 e atingiu a capital da União Sul Africana em 3 dias e 26 minutos. Descansou três dias e no dia 10 levantou novamente voo, de regresso à metrópole. Neste trajecto bateu por uma diferença de 38 horas o anterior «record», de que era detentor Tommy Rose. A sua chegada ao aeródromo de Croydon Amy Mollison foi aclamada por uma multidão de mais de 5.000 pessoas.

A nossa gravura representa a intrépida aviadora, instantes depois da sua descida em Croydon, acarinhando com efusão o seu cãozinho predilecto. A seu lado vê-se sir Gibson, director-adjunto da Aviação Civil, que lhe foi a apresentar felicitações em nome do Ministro do Ar.



A primeira travessia Alemanha-Estados Unidos realizada pelo dirigível «Hindenburg» constituiu um êxito indiscutível, que demonstrou a elevada perfeição da indústria da construção aeronáutica alemã. A bela fotografia que acima reproduzimos foi tirada de bordo do «Zeppelin» no momento em que este sobrevoava um verdadeiro mar de nuvens. Nalguns pontos distingue-se a superfície do Oceano. Em primeiro plano, dois dos poderosos motores da aeronave.

No aeródromo de Glenville, Estado de Illinois (E. U.) pode vêr-se um avião de formas pouco vulgares, que a nossa gravura da esquerda reproduz. Trata-se dum aparelho de asa circular sobre o qual se efectuam minuciosas experiências, que são seguidas com o maior interesse pelos meios aeronáuticos norte-americanos. O inventor do avião propõe-se aumentar deste modo o poder de sustentação do aparelho, o que oferece, sob determinados aspectos, importantes vantagens.

A CONQUISTA DA ETIÓPIA PELOS ITALIANOS



Após o decreto que anexou a Etiópia e criou o Império Italiano da África Oriental, as tropas do marechal Badoglio procedem à ocupação efectiva do país. Esta encontra-se porém muito longe ainda de estar realizada, pois

extensas regiões a ocidente do país permanecem insubmissas. Fala-se mesmo na existência dum Governo etíope em Gore a que preside, segundo se crê, o «rás» Imru. As gravuras acima ilustram alguns aspectos da tomada de Adis-Abeba.

A' esquerda uma rua da capital após os tumultos que precederam a ocupação.

A' direita, o marechal Badoglio fazendo a sua entrada solene à frente das tropas.

Dr. Nuno Simões



O espírito cintilante do Dr. Nuno Simões é como a água das nascentes: não para nunca, seja para dulcificar a vegetação sequiosa, seja para mover os moinhos que nos dão o pão. Desta vez, Nuno Simões ocupa-se das «Pescarias e conservas de Peixe», traçando preciosas notas sobre a evolução do seu comércio. E até mesmo neste estudo maciço, salpicado, aqui e além, de frios algarismos, o escritor mantém o seu estilo fluido e atraente.

O artista acompanha magnificamente o sábio, fenómeno que raras vezes se dá nos tempos que vão correndo.

FIGURAS E FACTOS

Benção das pastas



Na Igreja dos Mártires realizou-se no dia 17 a benção das pastas dos estudantes católicos da Universidade de Lisboa. Presidiu à cerimónia o sr. cardinal-patriarca de Lisboa, que oficiou missa acolitado pelos srs. drs. Carneiro Mesquita e Bernardo Cabrita.

Dr. Cerqueira Magro



«MATINAS DE SEIXOSO» livro dado agora à estampa pelo dr. Cerqueira Magro, é uma colectânea de velhas recordações do autor que evoca com saudade a sua infância distante. No volume agora publicado sob o título «Jantar de três felizes condiscipulos», empolga saudosamente. De resto o nome do dr. Cerqueira Magro é sobejamente conhecido, não só pela sua proficiência, como pelas obras literárias que o afirmaram um escritor primoroso, brilhante e emotivo. Das páginas encantadoras deste livro ressaltam evocações de tempos idos. O autor, dando largas ao seu talento, recorda — e «recordar é viver!»

Eugénio d'Ors



A Academia Nacional das Belas Artes recebeu solenemente o filósofo e pensador espanhol Eugénio d'Ors, que fez uma comunicação de alto interesse intitulada «O barroco como constante história. Presidiu o sr. dr. José de Figueiredo, ladeado pelos srs. dr. Gustavo Cordero Ramos e architecto Raul Lino. A gravura mostra o eminente visitante lendo a sua comunicação. A apresentação do conferente foi feita pelo sr. dr. José de Figueiredo em termos muito elogiosos.

Antigos alunos da Casa Pia



Um grupo de antigos alunos da Casa Pia, que concluíram o curso comercial em 1902 e 1903 visitou no dia 16 aquêlê estabelecimento de ensino, como testemunho de reconhecimento à casa onde foram educados. Receberam os visitantes o director e sub-director da Casa Pia, srs. coronel Câmara Leme e Fausto de Sá Marques. A noite houve num restaurante da capital um banquete de confraternização que decorreu muito animado trocando-se entusiasticos brindes.

Novo embaixador do Brasil em Lisboa



A bordo do «Arlanza» chegou no dia 16 a Lisboa o novo embaixador do Brasil junto do governo português, sr. dr. Artur Guimarães de Araújo Jorge. O distinto diplomata é simultaneamente um escritor ilustre, autor de alguns livros que documentam a sua erudição. A fotografia mostra-o à chegada com algumas das pessoas que o foram esperar. O sr. dr. Araújo Jorge entregou as suas credenciais no dia 25.

Eduardo Malta



EDUARDO MALTA, o festejado pintor que todos conhecem e admiram está seguindo as pisadas do seu ilustre antecessor Manuel de Macedo: dedica-se a fazer literatura. Simplesmente o Doré português escrevia por vicio incurável, ao passo que Eduardo Malta o faz quando «se cansa de pintar e necessita de se distrair». O seu novo livro «No Mundo dos Homens» atrai a tal ponto que não sabemos que desejar: que se fatigue de pintar, ou de escrever, visto que enquanto faz uma coisa não pode fazer outra e com ambas nos encanta e delicia.

A CABARAM-SE as traições, acabaram-se as intrujices.

Nós, pobres mulheres, temos sofrido tudo quanto a eles os distrai.

Os seus amores novos, os seus "flirts", os seus namoricos, que para eles são encanto e prazer, para o nosso coração sensível, são outras tantas punhaladas.

E que fazer se não resignar, calar e ir agüentando mentiras e mais mentiras?

Se eles têm um tal jeito para enganar e convencer-nos de que não há nada, que tudo são ideias nossas, invenções do nosso espirito, miragens enganadoras do nosso feito ciumento...

Mais marquesa, menos marquesa, mais plebeia, menos plebeia, no fundo tôdas as mulheres são iguais, quando se trata de guardar ou reconquistar o homem querido que ameaça ir plantar, noutros corações, o seu pavilhão de conquista.

Arrufos, questões, propósitos de rompimento ditados pelo despeito, tôdas gritam — ou sentem marulhar dentro do peito ansioso — o desabafo da Severa, ao Marialva:

— "És tu que eu amo, és tu que eu quero, meu grosseirão!"

Mas descensem, minhas senhoras, vêm aí tempos melhores.

Já são passados os dias lastimosos de queixumes e rogos para um amor mais sincero e menos doidivas.

Fora com as lágrimas, digam um adeusinho trocista a essa marota da desventura amorosa.

Ela já não volta a passar-nos á porta.

Agora estamos bem armadas, e com as armas da justiça. Pois então!

Eles pensavam que havia de ser sempre a mesma pandega. Amar aqui, amar acolá, e a pobresinha, a titular oficial do seu amor, que engulisse as lágrimas, de vergonha para que ninguém a visse sofrer, que é humilhante saber-se preterida por outra, mesmo interinamente, mesmo por um simples capricho, um desejo passageiro.

Nada! Isto agora é "outra loiça", como se dizia numa engraçada copla de revista.

Isto agora muda muito de figura.

Não, que êle custa de-veras passar uns meses "à sombra", entre as quatro paredes dum calabouço.

Os homens agora, cada vez que traírem a sua mulhersinha, vão ter três meses de cadeia — três meses.

Eu bem sei que há homem capaz de estar engaiolado mais tempo ainda, para saborear uma conquista ambicionada.

Mas a maioria não há de gostar, isso é que nos vale.

E como é isto, como é? Hão de querer saber as minhas irmãs na tortura de amar.

É uma lei, minhas senhoras, uma lei que acaba de ser aprovada.

Cada traição tem o seu castigo.

Agora é que eles vão saber como elas doem.

Mas há mais e melhor. É costume que os rapazes de agora têm — e creio que é

Sosseguem, mulheres! Rapazes, cuidado!

pecha antiga — de se fingirem grandes, ricos, de alardearem posições vistosas e de prestígio na sociedade, para melhor ganharem a confiança da família da noiva apeteçada.

E há quem caia na rêde, e depois vem a dar tudo em nada.

O sujeito, conde, marquês, ou quási milionário, sai afinal um valdevinos, um calmeirão preguiçoso, sem vintém, só tendo de seu as pedras da calçada e as sopas dos amigos.

Ou, então, vive de expedientes, na mira de um bom casamento, se é bonitote e desempenado, embora pobre de inteligência.

Ele há mais quem se fie e se prenda nas aparências dum físico agradável, do que nos primores do espirito.

Mas isso também se acabou.

Cuidado, rapazes!

Se se descobre a intrujice, se o que vocês dizem à pequena é mentira, se não têm a franqueza de se mostrar tal qual são, sem basófiás, nem gabarolices, a cadeia lá está à sua espera.

Cada mentirola corresponde a um certo prazo de reclusão, longe de toda a convivência feminina que tanto apreciam.

É um homem, — um homem, a quem talvez os remorsos de tanto ter traído quem muito o amou, ditaram a sua conduta — que fez vingar esta lei, para castigo dos seus irmãos na traição e na deslealdade.

Grande homem! Bem merece uma estátua — êste benemérito do pobre sexo fraco.

O remorso não é uma palavra ôca, sem sentido, um *truc* literário para dar o estremecimento ao leitor; não, o remorso é um sentimento a que ninguém foge, por mais forte que se faça contra essa fraqueza — no dizer do criminoso inveterado. O que chega às vezes é tarde, quando já nada remedeia.

E não há criminoso mais inveterado na arte de traír do que o homem apaixonado.

Mas desta vez, não há razão de queixa. O legislador ainda está novo para se emendar e mesmo que seja como o frei Tomaz, o sermão sempre dará os seus efeitos benéficos.

Estão contentes, minhas senhoras?

E vocês, rapazes, estão fulos, não é verdade?

Pois é agüentar, mulheres que me lêem, é continuar a traír e a intrujar, meus interessantes adversários.

Estas coisas não são para os portugueses.

Passam-se na Roménia. E primeiro que cheguem até nós, ainda o mundo dá muita volta.

Já queriam, não? Boa partida! Estes romenos... quem os dera cá!

Mas não desanimem, mulheres portuguesas. É ir esperando com resignação, porque um dia virá em que à consciência dos nossos legisladores se imporá também a necessidade de aplicar sanções severas aos que se dedicam aos doces prazeres da traição amorosa.

Mercedes Blasco.



Festas de caridade

NO POLITEAMA

Nos primeiros dias do corrente mês, deve realizar-se no teatro Politeama, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor da benemérita instituição Casa de Proteção e Amparo de Santo António, na qual será representada uma revista escrita expressamente para essa festa pelo aplaudido comediógrafo e inspirado poeta humorístico Acácio de Paiva, nosso colega nas lides de imprensa, a qual será desempenhada por um grupo de amadores da velha guarda, pertencentes à nossa melhor sociedade, entre os quais figuram D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Maria Adelaide da Gama Sepulveda, Luís da Gama, D. Nuno de Almada e Lencastre (Soto d'El-Rei), José Amado, D. José de Siqueira (S. Martinho), e muitos outros. Nos coros e bailados que estão sendo ensaiados pelo brilhante bailarino Francis, tomam parte grande número de meninas e rapazes da nossa melhor sociedade.

Os poucos bilhetes que restam para esta elegante recita de caridade, devem ser pedidos pelo telefone 2 4512.

NO NACIONAL

No teatro Almeida Garrett, deve se realizar nos primeiros dias do corrente mês uma recita de caridade a favor duma benemérita instituição, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, da qual fazem parte as seguintes: D. Branca de Atouguia Pinto Basto, Condessa de Vale de Reis, D. Joana Teles da Silva (Taruca), D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. Maria de Lencastre Van Zeler, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrício, D. Maria Tereza de Lencastre de Castelo Branco, e D. Sara da Mota Vieira Marques, na qual será representada a lindíssima peça hespanhola, «E' preciso viver», traduzida pelo escritor e nosso colega na Imprensa José Sarmento, que tanto êxito obteve há anos no teatro Politeama, quando pela primeira vez foi representada pela companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, estando agora o seu desempenho a cargo de um brilhante grupo de amadores pertencentes à nossa primeira sociedade, completando o espectáculo vários bailados, que estão sendo ensaiados pela notável professora e bailarina Ruth Aswin, e em que tomam parte grande número de meninas e rapazes da nossa melhor sociedade.

Os bilhetes para esta linda festa de caridade, devem ser pedidos pelos telefones 2 7538 ou 4 1652.

NO MAXIMS

Nos vastos salões do «Maxim's» realizou-se na noite de 20 de Maio último, uma elegante festa de caridade, promovida pela Liga de Defeza do Gerez, a favor dos pobres daquela estância, que constou de «ceia à americana», durante a qual os notáveis artistas Beatriz Costa se fez ouvir nas suas melhores criações, Maria Cristina, em lindas canções, Maria Paula deliciosa a assistência, em algumas canções em português e espanhol, Maria Laura, cantou mais um vez os seus tangos, Estevam Amarante, cantou dois fados alegres, e Villaret, fez as suas belas imitações, sendo todos os notáveis artistas muito aplaudidos pela selecta assistência, que enchia por completo o salão de festas, entre a qual se notavam grande número de famílias da nossa melhor sociedade e do corpo diplomático.

A certa altura o sr. dr. Gomes Mota, presidente da Liga de Defeza do Gerez, agradeceu a todos o seu auxilio àquela obra de beneficência, salientando a valiosa coadjuvação que teve na sr.^a D. Maria Primitiva Muíños Fernandes.

No final foram leiloados pelos artistas presentes, artísticos brindes oferecidos pela Fábrica de Espelhos União e pela Chapelaria Elite, tendo alguns atingido elevados preços.

A todas as senhoras presentes foram oferecidos artísticos brindes pela Perfumaria Mimosa.

Festas como esta honram sobremaneira quem as organiza, não só pelo fim a que se destina, como pelo aspecto artístico que revestem.

EM ÉVORA

Acabam de se realizar em Évora, umas interessantes recitas por amadores, em que foi representada, com extraordinário êxito a revista «Palhas e Moinhas», original dos srs. Raul Cordcero Ramos e João de Vasconcellos e Sá, dois escritores já consagrados, sobretudo o segundo, como

VIDA ELEGANTE

revisteiro e poeta inspiradíssimo. Nesse novo trabalho, tiveram os autores mais uma vez ocasião de evidenciar os méritos, apresentado uma encantadora peça que deixou durante as várias noites em que foi representada a melhor impressão no público selecto que encheu o teatro, composto não só de famílias de Évora, como de Estremoz, Montemor, de Arraiolos e outras terras próximas.

Entre os números de maior êxito salientemos «Mestre», «Lenga-lenga», que foram trisados, «Mulher ao Natural», «Foot-ball», «Sannago», «Migas e pai», «Moinho», «Bailado de «Ninon», que foram bisados, «Passcio», «Ruínas», «Mandadeiras», «Manda quem sabe...», e «Hino aos porcos». Há-os também de recorte delicado, como «Pintadinha», «Ceifeiros», e «Café de Serafim», que também foram bisados e «Quadro Popular», «Alma da Azinheira», e «Portugal pequenino».

Em alguns dos números tomaram parte perto de vinte figuras femininas, sendo a sua encenação esplêndida, movendo se com uma certeza apreciável em amadores que são leigos nesse género de teatro, pois era a primeira vez que entravam numa peça como «Palhas e Moinhas».

Ainda nesta revista há a salientar três rúbulas de bom recorte, como «Atiradiço», «Confusão» e «Penúrias».

Com relação ao desempenho diremos que todos os improvisados artistas se portaram à altura das circunstâncias, não podendo contudo deixar de salientar D. Idalina Mosca, D. Maria José Vilas Boas, D. Octávia Pascoal, D. Maria Ernestina Rosado, D. Gracinda de Sousa, D. Adalina Silva, D. Mariana e D. Adalina Salgueiro.

Antes de encerrar estas linhas, não quero deixar de felicitar todos os intérpretes, bem como os autores e organizadores d'esses belos espectáculos de arte e elegância.

Casamentos

Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se com extraordinário brilhantismo, o casamento da sr.^a D. Maria Tereza de Sousa Rego de Campos Henriques, filha do distinto engenheiro da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, sr. Artur Alberto Meireles de Campos Henriques, com o sr. Rui Machado da Cruz, filho da sr.^a D. Palmira Machado da Cruz e do sr. Manuel Pereira da Cruz, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria da Natividade Meireles de Campos Henriques, avó paterna da noiva, e D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, tia materna da noiva, e de padrinhos os srs. dr. Ivo Cruz e Olavo Cruz, irmãos do noivo, sendo o acto presidido pelo prior da freguesia, reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência do avô materno da noiva, o ilustre engenheiro sr. Alvaro de Sousa Rego, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se na igreja do Corpo Santo, presidido pelo monsenhor dr. Pereira dos Reis, reitor do Seminário dos Olivais, que antes da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.^a D. Maria Iglésias Viana Roquete, interes-

sante filha da sr.^a D. Maria da Graça Iglésias Viana Roquete e do sr. João Viana Ferreira Roquete, já falecido, com o sr. José Manuel de Almeida d'Orey, filho da sr.^a D. Fernanda de Almeida d'Orey e do sr. José Manuel Perestrelo d'Orey, servindo de madrinhas a mãe e a tia da noiva, sr.^a D. Helena Iglésias Viana, e de padrinhos os srs. Frederico de Albuquerque d'Orey e Francisco de Almeida d'Orey, respectivamente avô paterno e irmão do noivo, seguindo-se a missa resada por um dos reverendos do Corpo Santo. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia, foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo prior da freguesia do Santo Condestável, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se na paróquia da Luz, o casamento da sr.^a D. Maria Tereza Carneiro de Sousa e Faro, gentil filha da sr.^a D. Maria Leopoldina Carneiro Ferreira de Sousa e Faro e do Almirante sr. José de Sousa e Faro, com o sr. D. Caetano José Velho de Melo Cabral, filho da sr.^a D. Maria Leopoldina Albergaria Velho de Melo Cabral e do sr. D. João Borges Velho de Melo Cabral, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr. D. Cecília Ferreira de Abreu Pereira e de padrinhos o pai da noiva e o sr. José Monteiro, sub director da Alfândega. Sua Santidade dignou-se a enviar aos noivos a sua bênção.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para o Estoril onde foram passar a lua de mel.

— Na capela do Paço Patriacal, realizou-se o casamento da senhora de Soppisse de Samothe, pertencente à melhor aristocracia francesa, com o nosso compatriota sr. conde de Obidos, representante de uma das mais nobres famílias de Portugal, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, o sr. Amé Leroy, ilustre ministro de França em Portugal e por parte do noivo os srs. D. Pedro de Melo de Assis Mascarenhas e conde da Fóz, respectivamente irmão e cunhado do noivo, sendo o acto presidido por Sua Eminência o senhor Cardeal Patriarca D. Manuel Cerejeira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução em francês, sendo acolitado à missa pelos reverendos cônego Móra, monsenhor Pinheiro Marques e dr. Honorato Monteiro.

No final da cerimónia, foi servido na elegante residência da sr.^a D. Maria Izabel de Melo de Assis Mascarenhas de Barros e do sr. João de Macedo Barros, irmã e cunhado do noivo, um finíssimo almoço.

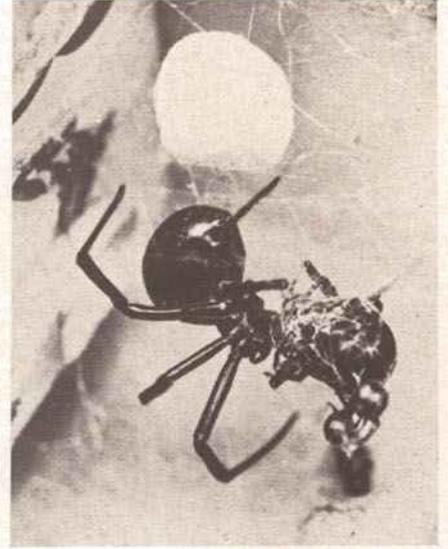
— Para seu sobrinho o sr. dr. Arnaldo de Sampaio, distinto clínico interno dos Hospitais Civis, e professor, foi pedida em casamento pelo coronel sr. Alcino Machado e esposa, a sr.^a D. Fernanda Bensaude de Lemoine Branco, interessante filha da sr.^a Sara Bensaude de Lemoine Branco e do comandante sr. Fernando Augusto Lemoine Branco, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros e da Marinha, escritor e promotor de justiça do Supremo Tribunal Militar, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Noémia Caldeira Machado, gentil filha da sr.^a D. Maria José Caldeira Machado e do sr. Anibal César Machado, com o tenente de engenharia sr. Edmundo Tércio da Silva, filho da sr.^a D. Izabel Maria Tércio da Silva e do sr. Carlos Eugénio Tércio da Silva, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Fernanda Machado Gouveia e D. Helena Maria da Silva, sendo o acto presidido pelo reverendo António Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles» partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

D. Nuno.

Curiosidades animais

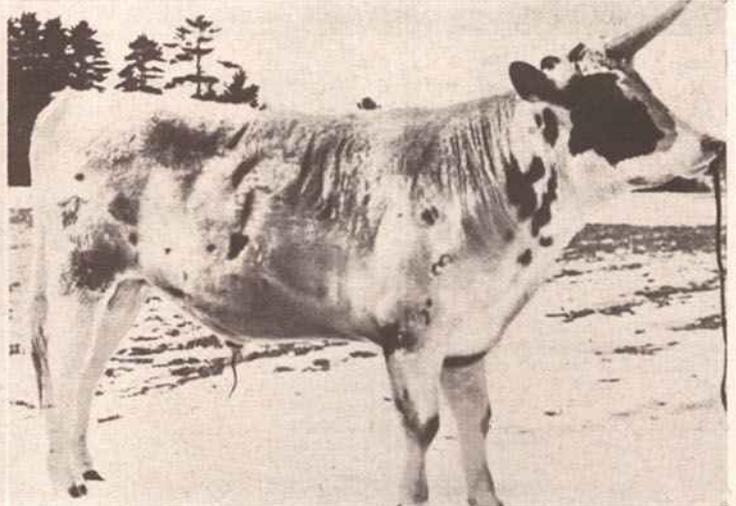


A gravura acima mostra o acto final duma das mais incríveis tragédias do Mundo dos insectos. Uma aranha negra procede à operação de devorar o macho a cujas graças se rendeu e com quem compartilhou as delícias do amor. Esta operação em que o pobre insecto é vítima da voracidade da esposa, parece ser indispensável para a boa fecundação dos ovos donde hão-de nascer as futuras aranhas.

FORÇADO por motivos de saúde a viver continuamente no ar livre, Karl Lindauer resolveu o problema, como se vê na gravura à esquerda, fazendo-se transportar num pequeno veículo puxado por cães, em que percorre continuamente os Estados Unidos. Os inteligentes quadrúpedes fazem-lhe ainda uma guarda ciosa, o que explica o leitreiro «cuidado com os cães» que se distingue na parte dianteira do carro. Nota-se também, como pormenor curioso, o cão sobre o fealdão, que exerce neste caso as funções de peça sobressalente.

ALGUNS biólogos têm-se dedicado nos últimos tempos a inquietantes experiências, que causam o assombro dos profanos. Sabe-se que por um jogo apropriado das substâncias hormonais é possível fazer variar os sexos e transformar em macho um animal que nasceu fêmea ou vice-versa. A ciência entra assim deliberadamente pelo campo das modificações da Natureza e promete-nos a este respeito surpresas ainda mais sensacionais. As imagens reproduzidas à direita ilustram um caso pouco banal. O professor de biologia W. Franklin, da Universidade do Maine, nos Estados Unidos, conseguiu criar um boi unicórnio. Por este caminho está-nos, por certo, ainda reservado ver gerar monstros que excederão em fantasia as mais arrojadas concepções mitológicas.

Os trabalhos do professor Franklin vêm sendo de há muito seguidos com o mais interesse pelos meios científicos do Mundo inteiro. Baseado em teorias originais, o sábio professor espera chegar a resultados mais extraordinários ainda, que se em boa verdade de pouca ou nenhuma utilidade são, contribuem no entanto para esclarecer certos problemas da mais alta importância, que se prendem com as origens da vida animal, um dos mais palpitantes mistérios.



HÁ quem pretenda que o riso é próprio do Homem, o que parece estar em contradição com as fotografias aqui reproduzidas. Da esquerda para a direita vemos: a gargalhada franca da zebra, o sorriso irónico do leãozinho, a hilariedade do cavalo e o riso sarcástico e agressivo do hipopótamo. Todos - eles riem, ou pelo menos parecem rir, como se um incidente picaresco tivesse despertado o seu sentido do humor. Mas não se tratará afinal dum jogo dos maxilares em que a nossa imaginação encontra semelhança com o riso?



Eu bem sei que desde 1789, em todas as revoluções tem aparecido oragos e megéras de arrear os cabelos, mas antigamente pertenciam às classes baixas e era a miséria que as impelia a esse ódio à sociedade formada.

Hoje não é assim, são mulheres cultas, mulheres que se deotam respeitar e que deviam usar das suas prerrogativas de mulher, para adoçar uma situação tão grave, para procurar trazer a paz aos espiritos e não irritá-los, como verdadeiras fúrias.

A mulher como esposa e como mãe é a base da sociedade, e que podaremos nós esperar duma sociedade em que a base é, ou uma mulher pintada e fútil beberrona e fumando por elegância não porque isso lhe agrada muitos pezes, ou uma fúria incitando os homens às piores violências.

E no fim a mulher queira-se, lamenta-se de que o homem não a respeita e não tem com ela atenções. Nem as pode ter.

Se a mulher de hoje com a cultura incomparavelmente maior do que a que teve a sua mãe e a sua avó, soubesse manter na vida a linha de senhora e a compostura, que estas tiveram, seria um ente perfeito.

A perfeição não é deste mundo mas, no entanto, com um pequeno esforço seria talvez fácil conseguir uma pequena modificação. Se a mulher fútil se concessesse que menos pintada e com modos mais comedidos, seria mais interessante, e se a mulher activa na política se concessesse, que menos violenta poderia ter uma melhor influência, as coisas modificam-se e como consequência imediata ela

interessante, e se a mulher activa na política se concessesse, que menos violenta poderia ter uma melhor influência, as coisas modificam-se e como consequência imediata ela

A falta de respeito pela mulher é cada vez maior na sociedade moderna. A mulher tem hoje muito mais liberdade, muito mais direitos, toda a facilidade em dispor de si e da sua vida, em compensação é muito menos respeitada.

O que causa esta diferença é fácil de descobrir observando a sociedade de hoje. A mulher é a única culpada de que o homem não tenha por ela o respeito que dantes por ela tinha e tenha posto do parte todas as atenções que lhe dispensava.

A mulher tornou-se para o homem uma camarada, com quem é mais agradável tomar um "cocktail", e fumar um cigarro do que com um amigo, porque pode tentar conquistá-la se ela for interessante e isso o dietra. Fazer a corte é uma frase, que já se não pode usar, porque implica a intenção de ser amado, ter atenções e cuidados, que estão muito longe do espírito do homem de hoje e que se tornariam para ela verdadeiras macadãs.

Efectivamente não vale muita a pena fazer uma grande cerimónia, com uma senhora a quem se conhece muito bem a plástica, por ter passado horas, junto dela, quando em "maillot", se torra ao sol, com quem se deve e fuma, diante de quem se pode ter as mais livres conversas, porque não é boa de estético, e consideraria ridículo que se não fizesse com liberdade diante dela, com quem se faz "síti", com um troço semelhante, e que é afinal o que agora se chama um "camaradão". É verdade que o "camaradão", faz a par disso todos os esforços para agradar ao homem, mas em que consistem esses esforços? Em se pintar escandalosamente da ponta das unhas a ponta dos cabelos, confundindo-se na sua maneira de ser com pessoas que pela sua infelicidade, dantes se não confundiam com as senhoras e em tomar atitudes que pode ser que agradem num sentido, mas que nunca inspirarão respeito e atenções. Mas se as senhoras da sociedade assim justificam pela sua maneira de ser, a falta de atenções o que não devemos dessas mulheres, que se ocupam de política, numa fúria destruidora, e, que são piores que os homens na reivindicação de direitos que uma mulher com pudor não ousa sequer mencionar.



veria aumentar o respeito do homem e seria de novo rodeada das atenções, que se lamenta de ter perdido.

Maria de Eça.

A moda

Acentua cada vez mais a moda a sua tendência para as cores brilhantes e para os tecidos leves e vaporosos. É uma tendência que só pôde agradar e ter sucesso nesta época do ano, em que tudo alega o espirito e predispõe bem.

Nos pequenos detalhes da "toilette" feminina

PÁGINAS FEMININAS

que tão grande importância têm no conjunto também a moda está agradabilíssima e muito simpática à vista.

As golas e guarnições de cambraia e de «organdi» de seda e algodão, dão uma frescura cheia de graça aos vestidos e tornam-nos encantadores nesta época.

Que as golas de cambraia em todos os vestidos de verão ou de inverno são muito apreciadas e dão sempre o melhor efeito. A guarnição fresca e que tem sempre o melhor acolhimento por parte das senhoras que tem o bom gosto de alegrar discretamente a sua «toilette».

Damos hoje dois modelos de vestidos de noite ambos lindos e duma elegância indiscutível. Um deles é um «taffetas ciclamen» sem qualquer guarnição que não seja na própria seda. As mangas elegantíssimas formam uma espécie de asas, todas em folhos, cujas bordas são endorecidas com corlões metidos.

A frente do vestido é guarnecida no busto, com dois folhos também enfeitados com corlões. A saia justa nas ancas sal do «empiécement» formando amplas pregas, pelo seu corte em «godets».

O outro vestido é um florido «crêpe marrocaim», fundo preto e flores brancas. A frente do vestido é guarnecida com uma «coquillage» e flores em «organdi» de seda branca, é completado com um elegante casaco no mesmo tecido (dêntes a que agora chamam «smoking» e que é complemento indispensável dos vestidos de jantar. É uma «toilette» deliciosa que alia à elegância, uma grande distinção.

Como chapéus têm as nossas leitoras dois modelos lindíssimos. Um em palha «picot» azul escuro, tem o alto da copa e o laço que o guarnece atrás em feltro da mesma cor.

O outro é um galante chapélio que pela sua forma nos transporta à época do «Império» e nos recorda a beleza da imperatriz Eugénia. Em palha preta brilhante é guarnecida na frente por um renque de flores em veludo cor de rosa e um veu de tulo preto que forma umas laçadas sobre as flores e cai atrás em duas longas pontas. É do mais gracioso efeito.

Para o género simples um vestido num tecido de algodão fundo branco com desenhos vermelhos, botões vermelhos e cinto da mesma cor que dão um alegre tom ao vestido. Chapeu de palha panamá branco e luvas de camurça.

O penteado está-se modificando de dia para dia e os cabelos que vão crescendo mais aumentam as probabilidades de variar na maneira de colocar os cabelos. O penteado de hoje tem a forma um pouco asiática, do que é usado pelas mulheres do Anam e só pôde convir a uma senhora morena e de cabelos negros.

O cabelo liso é puxado para o alto da cabeça onde se formam rolos preparados com ganchos, para ter esse aspecto de repuxado, que tem em geral os penteados orientais.

É para notar também a linda joia moderna, que guarnece o pescoço da elegante senhora, que usa este penteado. É a vista dos modelos apresentados as nossas leitoras concordarão, que a moda favorece e muito, a beleza feminina.

Higiene e beleza

Não há nada mais feio do que ver através das meias de seda, transparentes, umas pernas cheias de pelo. Há quem use a «gilette» contra eles, mas depilar as pernas dessa maneira faz com que os pelos engrossem e aumentem em vez de desaparecer.

O verdadeiro sistema para conseguir umas pernas que não dêem esse mau efeito é usar um depilatório.

Nada mais fácil do que fazer-lo em casa com o seguinte pó que se desliza em água: sulfúrio de cálcio 10 grammas, sulfúrio de zinco 10 grammas, glicerado de amido 10 grammas.

Faz-se uma pasta que se aplica com uma espátula na parte que tem os pelos. Deixa-se estar uma hora e em seguida lava-se em água morna e aplica-se nas pernas um pouco de pomada de

óxido de zinco e pó de talco. Assim tratadas as pernas ficam mais belas do que as duma estátua de mármore.

A mulher e o trabalho

Um interessante jornal alemão publicou as respostas a um inquérito seu, sobre o trabalho feminino: A pergunta era: «E' ou não a mulher que trabalha fóra do lar a esposa ideal? Uma senhora que tem um nome ilustre na política do seu país respondeu: «As mulheres que encontram no trabalho a maior satisfação de viver, as que julgam que o trabalho é a vida, fazem bem não casando, porque sem dúvida alguma, não poderão fazer um homem feliz, porque a vida absorvida pelo trabalho não as deixa pensar noutras coisas.

É também porque a mulher que trabalha tem o sentimento da liberdade muito desenvolvido e um egoísmo muito semelhante ao do homem». Um artista de teatro declarou que as atrizes eram em geral as melhores esposas, porque aprendem a arte de dissimular e são amáveis e encantadoras mesmo quando o marido está mal disposto. As cenas domésticas não lhes causam impressão porque estão habituadas ao do teatro. O «ménage» é uma distração depois do trabalho.

Uma menina anónima disse que há raparigas que nasceram para casar. São aquelas que não têm talento para nada, nem aptidões especiais. Trabalha fóra de casa é para elas castigo. Só no casamento encontram felicidade.

Outra senhora declarou que a mulher que quer casar tem ao fazê-lo de abandonar o trabalho para se dedicar ao lar, ao marido e aos filhos.

O que é para notar é que nenhum homem respondeu a este inquérito, que afinal aos homens é que lhe interessa e eles é que podem dizer qual é a esposa ideal.

O ideal deve ser a que verdadeiramente compreende o marido e cumpre os seus deveres, quer trabalhe fóra de casa ou não.

A mulher na política

A mulher inglesa, foi das que mais ardentemente lutou pela independência feminina e pelos direitos da mulher.

Entre as senhoras que mais se tem distinguido na política feminina inglesa, nota-se Mrs. Elisabeth Abbott, que é a presidente dum grupo de mulheres inglesas, organizado para combater o mais possível, no sentido de se con-

seguir a promulgação de leis protetoras da mulher na indústria.

Mrs. Abbott, presidia à conferência realizada ultimamente em Londres. A sua eloquência na defesa dos direitos da mulher e na protecção que é devida às mulheres que se dedicam à indústria, causou a mais profunda impressão, pela justeza das suas apreciações e, pela clareza dos seus argumentos e pela emoção das suas palavras, onde se sentia passar toda a ternura dum coração de mulher.

Mrs. Abbott é uma das mais inteligentes senhoras da Inglaterra; nome bem conhecido na sociedade e entre as pessoas que se dedicam à política e aos estudos sociais. Os seus projectos de lei de protecção às mulheres, demonstram o valor da sua inteligência toda dedicada ao bem estar das outras mulheres.

Receitas de cosinha

Lombo de porco à Nery:

— Põe-se um bom lombo de porco, de molho, em vinho do Porto ou da Madeira, com sal, pimenta e uma pitada de colorau picante, preferindo sempre um lombo que seja magro.

Assa-se no forno sem outro tempero que não seja banha de porco ou azeite e a própria gordura e o molho em que esteve em maceração.

Como guarnição, cozem-se espinafres com pouca ou nenhuma água; escorrem-se, picam-se e misturam-se com leite, manteiga e farinha, deixando ferver até formar um creme como esparregado. Põe-se o lombo de porco numa travessa e em volta o esparregado, que se enfeita com triângulos de pão frito e ovo cozido picado.

Sopa de nabos e feijão: — Deita-se numa panela água bastante, azeite e feijão branco, tudo em frio. Depois do feijão estar cozido, passa-se no coador até ficar só o polme, que vai de novo

para a panela e deixa-se ferver, nesta altura deita-se o sal, antes não para não encruar. Deitam-se dois nabos partidos em bocados pequenos e ferve até ficar bem apurada. Querendo dar-lhe cor ralase uma cenoura.

De mulher para mulher

Alice: — Acho minha senhora, que abusa muito da palavra sentimento, não será isso antes efeito da sua fantasia alimentada por mais romances e muito cinema? Há na sua carta alusões a vários filmes, que me fazem supor que quer fazer da sua própria vida uma fita. Não se iluda com fantasia. A vida já de si é bastante complicada para que se vá bucar mais fantasias nos livros e ao «écran». Cumpria o seu dever e será feliz.

Marieta: — A simplicidade e a naturalidade tornam sempre uma rapariga encantadora. Não queria fazer efeito apresente-se tal e qual e é eria que vai agradar imenso. Da sua carta emana simpatia, o que a deve ajudar muito na vida.

Ana: — Aprenda dactilografia e estenografia. Acho muito sensata a sua idea e na sua situação só lhe fica bem trabalhar. As pessoas a quem me referi, são aquelas que abandonam a casa a criadas para ganhar dinheiro para luxo. O seu caso é bem diferente e muito simpático.

Colette: Sim, há no estrangeiro vários institutos de dança rítmica, mas esse de Genebra é o mais conhecido. É uma boa ginástica, mas acho que não vale a pena ir tão longe e gastar tanto dinheiro para aprender isso.

Violeta: É tão grande a variedade em chapéus, que não se pode afirmar que se usam pequenos ou grandes, usa-se tudo e o que é mais moderno são os chapéus em vidro.

Harbela: Acho ainda muito cedo para tomar uma resolução que demande muito pensar. Reflita, pese bem os prós e os contras e resolva-se depois. Há assuntos que se não podem fazer sem muito pensar.

Pensamentos

Os ciumentos só conseguem desagradar e chamar muitas vezes a atenção sobre aqueles em que a mulher nem tinha reparado.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

CORREIO

Ti-Beado. — Luanda. — Respondo à sua carta de 1 de Abril findo. Lamento também que tivesse saído deturpado o seu pseudónimo no «Desporto» que cita. Apresento-lhe pelo facto as minhas desculpas, visto a responsabilidade me caber por não ter «fulminado» a respeitável «gralha»... Quanto ao aditamento à lista n.º 48, já não foi possível considerá-lo por ter chegado atrasado. Os meus melhores agradecimentos por tudo.

APURAMENTOS

N.º 50

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO

N.º 16

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

EFONSA

N.º 15

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 7, Bisnau; n.º 13, Miss Diabo; n.º 19, Lord X.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 21 pontos:

Alfa-Romeo, Frá-Diávoló, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha.

QUADRO DE MÉRITO

Fan-Fan, 20. — Ti-Beado, 20. — Salustiano, 20. — Rei-Luso, 20. — Só-Na-Fer, 18. — Só Lemos, 18. — Sonhador, 18. — João Tavares Pereira, 16. — Lamas & Silva, 16. — Salustiano, 15

OUTROS DECIFRADORES

D. Diana, 10. — Lisbon Syl, 8. — Aldeão, 7

DECIFRAÇÕES

1 — Manda-dado-mandado. 2 — Tempe-pêra-têmpera. 3 — Lampa-pada-lâmpada. 4 — Baga-gata-bagata. 5 — Soada. 6 — Pasmoso. 7 — Farcista-farta. 8 — Platina-plana. 9 — Balada-bada. 10 — Semita-seta. 11 — Calo-a-ão. 12 — Ana-naco-anaco. 13 — Fale-lega-fállega. 14 — Pancada. 15 — Ela. 16 — Alento. 17 — Boquejar-bojar. 18 — Aviso-aso. 19 — Tomada-tôda. 20 — Precito-presto. 21 — Rês por rês.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A *desunião* das nações continua, no meio da *gritaria* em que se discutem as propostas de paz...

E o mundo vive *desanimado!* (2-2) 3.

Lisboa *To-My*

2) *Respeito* uma «mulher» *honestá* (2-2) 3.

Lisboa *Ziül*

NOVÍSSIMAS

3) *Oito* anos de prisão! O fim da vida — a *decadência!* 2-1.

Lisboa *Chim Pan Zé*

4) Conheci uma rapariga *travessa*, que *gracejava* por *pirraça*. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 59

5) Vi uma «mulher» a falar com outra *mulher velha e feia*, a respeito da «ave» (*) 2-2.

Luanda *Dr. Sicascar*

6) Olha *para* a *figura* do *compêndio!* 1-2.

Lisboa *Vidalegre*

SINCOPADAS

7) Numa pequena *povoação* vi um *género* de *plantas gramíneas*. 3-2.

Luanda *Dr. Sicascar*

8) Que *pomposo* é o *jógo!* 3-2.

Lisboa *Dama Negra*

9) A *união* faz a *fôrça* — e quem dá o *exemplo?* 3-2.

Lisboa *Mad Ira*

10) No *negócio* não se *queira balbirdia*... 3-2.

Tramagal *Padre Matos*

11) *Pessoa* que *fala* muito é a que *está na adolescência*. 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

12) Não é preciso *fôrça* para *dominar* um *monstro*. 3-2.

Lisboa *Veiga*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMAS

13) Se nada tem lá no meio
Que o conceito me sugira...
Eu afirmo sem receio
Não passar duma *mentira*.

Tórres Vedras *Alfa & Ómega*

14) Com duas letrinhas,
Ambas invogais,
Formei um *cêspede*
De grandes *juntais*.

Luanda *Ti-Beado*

(*) Nome que em Estarreja se dá ao coco ralilongo.

TRABALHOS DESENHADOS

23) ENIGMA FIGURADO



Lisboa

Veiga

LOGOGRIFO

15) Sempre muito *impertinente*. — 6-7-2-9
Um *boneco*, um *aldravão* — 6-1-6-9
Que *rouba*, que *muito mente*. — 8-9-4-5
Mas um *grande espertalhão*. — 4-1-2-9
O *cozinheiro* Vicente — 8-3-2-9
De origem nacional.
Tinha fama *universal*.

Lisboa *Stop (G. dos Verdes)*

MEFISTOFÉLICAS

16) *Pinta* os olhos, *pinta* a face,
Mas com *regra*, o meu amor...
E se os lábios não pintasse
Não tinha p'ra mim *valar*.

Lisboa *Repórter Fatal*

17) Nas *praías* de Portugal,
Quando é *denso* o *nevoeiro*,
A *fartura* de *banhistas*
Parece até *formigueiro*. (2-2) 3

Lisboa *Sodargil*

18) *Ele ordena* *prontamente*
Que não seja *concedido*,
Por uma *ordem* *corrente*,
O meu *instante* *pedido*. (2-2) 3.

Lisboa *Xis & Grego*

NOVÍSSIMAS

(Ao *mirífico «Sileno»*, com a *minha maior simpatia*)

19) Se eu fôsse *filho* das *Musas*, — 1
Ou *inda* mesmo *enteado*...
Ai! quantas *belezas lusas*
Já não *teria* *exalçado!*

Belezas lusas — eu disse —
Do charadismo — acrescento.
E acho não ser *sandice*
Chamar *beleza* ao *portento*.

Porque quem *vir* *poetar*
Mestre «Sileno» — o *portento*,
Há-de, por *fôrça*, *exclamar*:
— «Mas que *formoso* *talento!*»

Muitos *admiradores* — 1
O *confrade* *deve* *ter*;
Seus *versos* — *lindos* *amores* —
Ninguém *se* *farta* de os *ler*.

A *semelhante* *valor*
Estes *versos* *mal* *rimados*
Dedico *com* *tanto* *ardor*
Que *devem* *ser* *perdoados*.

E aqui *fica* *consignado*
O *aprêço* *impercível*
Em que o *tem* um *desprendado*,
Demandador *desastrado*
Da *Castália* *inacessível*...

Silva Pôrto-Bié *Efonsa*

20) *Singelo* o *beijo* *aspirado* — 2
Por *duas* *bôças* *serenas*,
De *espírito* *recatado*: — 2
É um *beijo* *só* — *apenas!*

Lisboa *To-My*

21) Com a *cara* que *aparentas* — 2
Não *duvido* *mesmo* *nada*
Que *ele* *te aplia* nas *ventas* — 1
Uma *carga* de *pancada*.

Lisboa *Ulsi Ráfer*

SINCOPADA

22) Depois de *lida* e *relida*
A tua *carta* *tão* *triste*]
E' que *fiquei* *convencida*,
Meu *amor*, que *tu* *partiste!*...

Já não sou *alegre* *agora*,
Nem a *vida* *me* *sorri*,
O meu *peito* *geme* e *chora*,
Ausente e *longe* de *ti*. 3-2.

Lisboa *Mad Ira*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

NOTÍCIAS DA QUINZENA



Exposição de bonecas com trajos regionais

Na Associação Comercial de Lisboa realizou-se uma interessante exposição de bonecas com trajos regionais, que o sr. Presidente da República inaugurou no passado dia 16. Admiravam-se ali grande número de exemplares provenientes das mais afastadas regiões do país. É de solicitar o esmero de todos os trabalhos, que faziam de cada boneca, não só documentos reconstituídos nas fontes mais rigorosas, como autênticas obras de arte, que encontravam em tôdas as suas minúcias. No atrio expuseram-se também alguns manequins pertencentes à Sociedade de Geografia e, numa sala contigua, oleogravuras e desenhos, representando trajos antigos e modernos.

Pode afirmar-se que não houve nesta exhibição uma única lacuna. Tôdas as provincias e regiões típicas se fizeram representar com exemplares curiosos e, muitos deles inéditos para o grande público. Do trajo transmontano ao funchalense, passando pelo saloio, pelo fadista, pelo ribatejano e pela varina, tudo ali se podia admirar em primores de execução que nos maravilharam. A decoração tanto da sala como do átrio foi artisticamente feita com mantas e cháiles, numa afirmação de bom gosto e elegância que honra os organizadores da Exposição.

O público acorreu numeroso, manifestando um interesse que raras exposições registam. E isto deve bastar com aplauso inequívoco à inteligente iniciativa.

Josué Jehouda



DENTRO em breve Lisboa terá ocasião de assistir a duas conferencias do grande escritor e jornalista Josué Jehouda director da 'Revue Juive', de Genève, e um dos grandes amigos de Portugal.

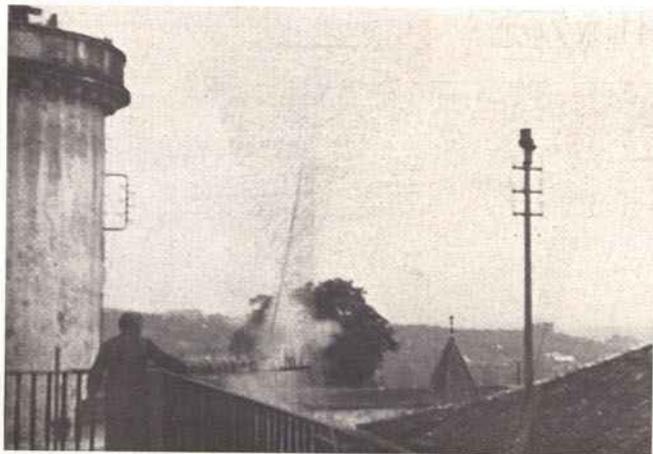
Josué Jehouda reúne tôdas as grandes qualidades dum paladino entusiástico que lhe dão a garantia do seguro êxito das suas theorias que assentam na base sólida da pacificação dos povos e dos espiritos. O seu nome basta como estandarte dos seus ideais. Enfim, Lisboa vai ouvi-lo dentro em pouco — e admirá-lo.



Foot-Ball entre médicos e estudantes

No Campo Grande realizou-se no dia 24 um desafio de foot-ball entre um grupo de conhecidos médicos e outro de estudantes de medicina a favor da Caixa de Previdencia dos Médicos Portugueses e Caixa de Auxilio aos Estudantes Pobres da Associação da Faculdade de Medicina. A simpática festa decorreu com entusiasmo e obteve um animador resultado financeiro. As nossas gravuras representam em cima a equipa dos médicos e em baixo a dos estudantes, antes de começar o desafio.





CÔRES. Alegria. Canções. Entusiasmo e uma pontinha de saúde. A festa sem rival numa mocidade turbulenta mas estudiosa, por vezes irreverente, no fundo boa, veneradora das tradições, estimulada pelos vinhos generosos do país, mas sóbria durante longos meses, enquanto prossegue os seus estudos. Coimbra, outrora cidade fortificada,

Logo ao romper da alvor, os foguetes anunciam que começou a festa das fitas



— Em enquiris para a direita. Três aspectos das decorações das «repúblicas»



tornou-se a cidadela das ciências. Universidade milenária, que durante séculos tem atraído a mocidade ávida de se instruir, conservou toda a sua força, porque nunca ali se viram tantos estudantes e o seu número aumenta de ano para ano. Existem pelo mundo outros centros de educação cujas instalações são mais modernas, e suntuosas que estas, mas não encontrareis lá o espírito de Coimbra. O espírito de confiança mútua que se cristaliza nas

O tradicional namoro



COIMBRA EM FESTA

A "QUEIMADA DAS FITAS"



prazeres colectivos. A cidade dorme tranquilamente e mal o sol se mostra no horizonte, logo uma fusilaria nutrida, um crepitar ininterrupto de foguetes anuncia a boa nova: *Começou a festa das fitas.* Em breve os morteiros têm um acompanhamento mais majestoso, dir-se-ia que o som do canhão. Na realidade, são os grandes bombos tocados com toda a

fôrça e os sons dos pífaros agudos, das gaitas de foles e o rufar dos tambores que se misturam numa sinfonia em que há mais energia do que música. O essencial é que a cidade inteira acorde!

Nas repúblicas, é a revolução. Um tumulto indiscreto. Começa-se pela de-



— o exame final. Terminado este, os antigos abandonam a Universidade e são os alunos da classe seguinte que arvoram orgulhosamente as suas fitas largas.



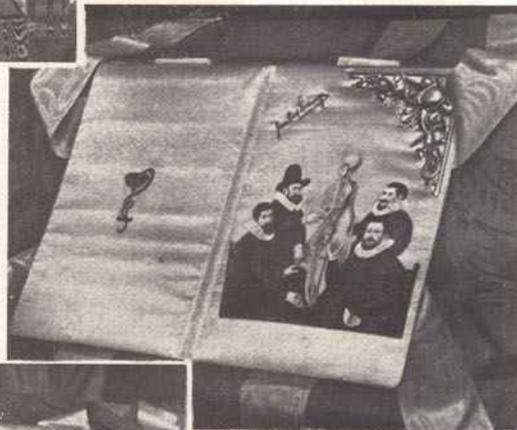
— o exame final. Terminado este, os antigos abandonam a Universidade e são os alunos da classe seguinte que arvoram orgulhosamente as suas fitas largas.

Mas os que partem, os jovens doutores, não são facilmente esquecidos. São as noivas, essas figuras tão poéticas de todas as cidades universitárias, que guardam fielmente a sua recordação. Vão assiduamente à igreja implorar à Virgem Maria consoladora das amorosas e ao bom Santo António que ajudem o jovem diplomado na sua carreira, para que ele possa voltar o mais breve possível.

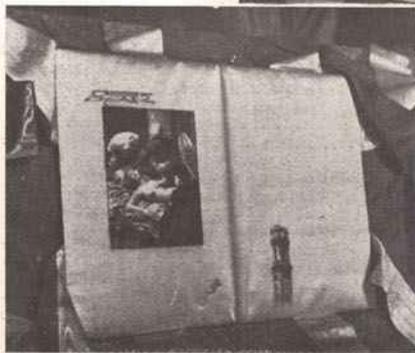
Pobres noivas das cidades universitárias! Há algumas cujas orações são escutadas e a quem os jovens doutores conduzem para novos destinos. Mas outras ficam sempre à espera. São elas as vítimas imoladas sobre o altar das ciências.

coração das fachadas. Decoração! É talvez exagerado chamar "decoreção" a este prazer frenético de pendurar nas paredes exteriores da casa tudo o que existia nos quartos, os objectos mais heteróclitos e cujo "leit-motiv", são sempre as bacias de quarto. No fundo, é encantadora esta mocidade exuberante, estas ante-

A' direita e em baixo: Pastas artísticas



Texto e fotografias de Victor Ronni



-vésperas da partida da Alma Mater para essa grande aventura que é a Vida. Depois das festas, das libações, o trabalho recomeça porque há ainda o último obstáculo a transpor

Oração pelo regresso do jovem doutor



Palavras cruzadas

(Solução)

P	A	E	R	A	B	A	N	O	S	C	A	O	
A	S	N	E	I	R	A	A	L	I	C	I	A	R
G	I	L	B	A	R	A	T	A	S	E	R	A	
O	L	I	V	A	I	R	A	A	F	I	A	R	
O	A	A	L	O	L	I	A	R	O				
L	R	E	M	A	L	R	I	S	O	C			
U	M	A	C	A	O	A	R	A					
G	A	V	E	C	O	B	R	A	I	S	I	S	
A	R	C	R	I	O	Z	A	O					
R	U	V	A	S	O	S	A	U	L	S			
A	T	I	R	A	S	D	E	N	S	O	S		
A	T	I	L	A	A	S	O	G	A	N	E	M	
M	E	L	C	A	L	E	I	R	A	A	V	O	
O	U	M	A	L	B	E	V	A	E	L			
U	S	A	S	I	B	E	R	I	A	U	N	A	

A expressão do rosto

Coisa admirável é a expressão de um rosto! No século XVIII cerca do ano de 1765, dizia um espectador, do grande actor inglês David Garrick, que o vira passar a cabeça por entre os dois batentes de uma porta, e no espaço de alguns segundos, a expressão do seu rosto mudou sucessivamente de uma alegria louca para alegria moderada, de alegria para serenidade, de serenidade para surpresa, de surpresa para espanto, de espanto para tristeza, de tristeza para profundo desalento, de desalento para medo, de medo para horror, de horror para desespero. O rosto principiou então a manifestar todos estes sentimentos em sentido inverso, isto é, do desespero novamente para alegria.

O lacre

Há uns trinta ou quarenta anos ainda, ninguém enviava uma carta sem a lacrar. Pois o lacre, e com ele o sinete, seguiram no pó do esquecimento a pena de pato, o pó de secar — rosa, azul ou dourado — que nossos avós não dispensavam e precederam talvez de pouco o tinteiro



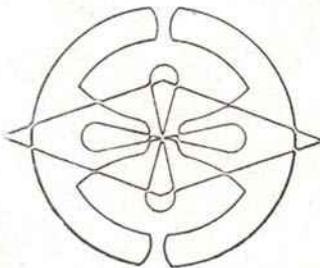
e a pena Mallat, por sua vez, já abandonados e em breve, totalmente banidos pelo estilografo.

Todavia, ainda no início deste século, não havia mesa de trabalho — elegante sobretudo — que dispensasse o lacre. Havia-os vermelho, preto, dourado, perfumado, e os sinetes eram por vezes, verdadeiras obras de arte.

O lacre tinha, até, protocolo internacional. Havia cores e qualidades reservadas. Por exemplo, o lacre branco era peculiar à Ordem do Espírito Santo e à Casa Real da França. A Ordem dos Cavaleiros de Malta só utilizava lacre preto. As sentenças eram seladas com lacre amarelo; os privilégios e graças com lacre verde.

Desenho a traço contínuo

(Solução)



Como sempre, os cantos foram cortados para maior clareza.

Duelo de morte

Em Mindanao, nas Filipinas passou-se, há bastantes anos, um espectáculo curioso.

Uma águia que levantou vôo do cimo de uma montanha voava como se estivesse ferida.

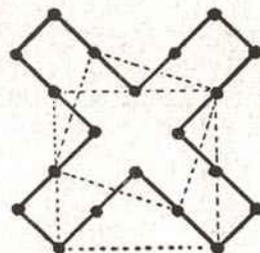
Ao aproximar-se de terra viu-se que lutava com uma cobra colossal que se lhe tinha enroscado e tentava estrangulá-la.

A águia defendia-se com coragem, dando bicadas formidáveis no reptil.

Mas o duelo foi de morte porque depois de uma hora de combate, ambos os animais caíram por terra, ficando, em consequência da queda, horrivelmente despedaçados.

Subtracção de pontos

(Problema)



Na figura em forma de X que a gravura acima representa podem traçar-se, servindo-nos para cantos dos vinte pontos que ela contém, vinte e um quadrados perfeitos. (Alguns desses quadrados estão indicados com linhas ponteadas para mostrar como se fazem).

Depois de verificarem como se podem formar todos os 21 quadrados, vejam qual é o menor número de pontos que se hão de apagar, de modo a tornar impossível formar um único quadrado.

A alimentação de um rei

O menu de um dos jantares de Luís XIV não deixa de ter interesse para os grandes e pequenos comilões. Ei-lo, segundo a princesa Palatina:

«Vi muita vez — diz ela — o rei comer quatro pratos de sopas diversos, um faisão inteiro, uma perdiz, um grande prato de salada, carneiro guizado e assado, duas boas fatias de presunto, um prato de pasteis e ainda fruta e doces». E a princesa acrescenta: «O rei gostava muito dos ovos cozidos». Não diz se comia muitos, depois de um jantar destes.

A ceia não ficava atrás do jantar. Fagon, o médico do rei, faz dela a seguinte descrição:

«A variedade das cousas diferentes que êle mistura, à noite, na ceia, com muitas carnes e sopas, e entre outras, as saladas de pepino, de alface e de outras hortaliças mais, tôdas juntas, temperadas, como são, com pimenta, sal e vinagre muito forte em grande quantidade, e por cima disto tudo ainda queijo, fazem-lhe uma fermentação dentro do estômago, etc.»

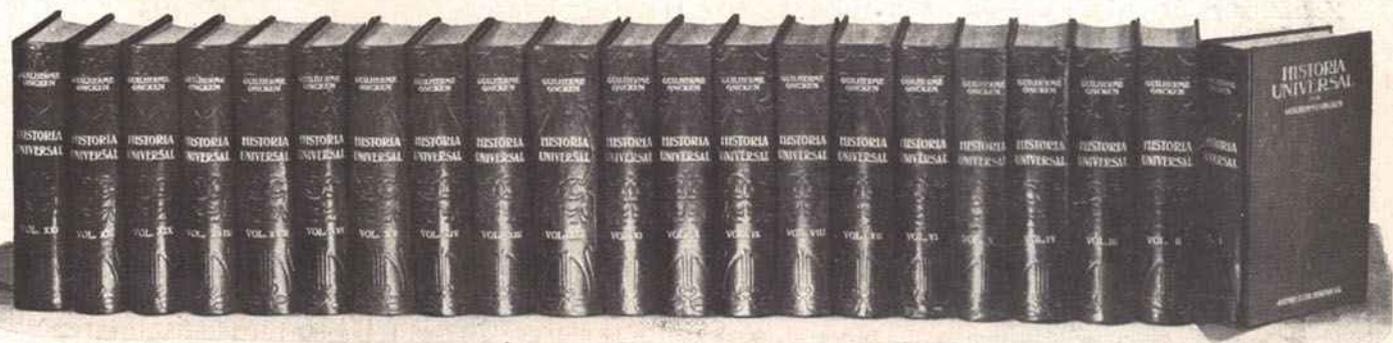
Esta fermentação causava, muita vez, mau funcionamento no estômago augusto de Luís XIV, que era, então, posto a dieta; mas essa dieta não era muito rigorosa porque o médico Fagon acrescenta: «O rei, fatigado e abatido, foi obrigado a comer de carne à sexta-feira e consentiu que lhe servissem apenas ao jantar, umas torradas, um caldo de pombos e três frangos assados».

Bonita abstinência!



— Ai! coitadinha da mamã, que tem o vestido todo estragado, todo cheio de buracos nas costas!

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editôres, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**

1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

COLEÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se esteiam na fantasia e despertem pelo entrecabo romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, atavia-do-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Divida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A força do Destino
Batalhas do Amor

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A LIVRARIA BERTRAND, EDITOU:

POLÍTICA

PELO **DR. RIBEIRO LOPES**

Prefácio do Prof. **MANUEL RODRIGUES**

1 vol. com 216 págs., broch. . . . Esc. 10\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR **CARLOS MALHEIRO DIAS**

INDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho —
Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire —
Tristão de Ataíde — Plínio Salgado

1 volume brochado . . . **8\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Excursões a preços reduzidos

ao Triangulo de Turismo e ao Estoril

com refeições nos hotéis de Estoril e Sintra

Nas estações de Cais do Sodré ou Lisboa-Rossio estão à venda, diariamente, para estas excursões os bilhetes seguintes a preços reduzidos:

— De Cais do Sodré a Estoril-Sintra-Rossio, com direito a almoço no Estoril e jantar em Sintra, ou vice-versa

Por passageiro { 1.^a Classe 48\$00
2.^a Classe 42\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço e jantar no Estoril

Por passageiro { 1.^a Classe 45\$00
2.^a Classe 39\$00

— De Cais do Sodré a Estoril e volta, com direito a almoço ou jantar no Estoril

Por passageiro { 1.^a Classe 30\$00
2.^a Classe 25\$00

Um novo livro do grande escritor Aquilino Ribeiro

Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12\$00**; pelo correio à cobrança **Esc. 13\$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

ESTÁ À VENDA A

7.^a EDIÇÃO — 11.^o milhar**LEONOR TELES**

"FLOR DE ALTURA"

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. Esc. 12\$00

Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. - Mariquinhas - Apêgo à Dôr - Dr. Mendes - Gira - Feira de Ano - Lúcia - Um sobretudo de respeito! - A paz do Lar - Uma espada... em-bainhada! - O Barboza de Sejins - O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 520 págs., broch. 12\$00 enc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-TermasESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERÁPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de água termal,
Banhos de água do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulver-
sações, etc. — — — —****FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —****MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

SOCIEDADE "ESTORIL"

CAMINHO DE FERRO DE CAIS DO SODRÉ A CASCAIS

AVISO AO PÚBLICO**Bilhetes especiais
a preços reduzidos em combinação
com a Sociedade Estoril-Plage**

A partir de 1 de Abril de 1936, vender-se-ão bilhetes a preços reduzidos, dando direito a:

1.^o — Transporte pelo Caminho de Ferro, em 2.^a classe, entre as estações de Cais do Sodrê e Estoril e vice-versa; transporte em automóvel desta estação ao Casino do Estoril e vice-versa; entrada no Casino; despesa no Casino (até à concorrência de 2\$50).2.^o — O mesmo e mais transporte de automóvel em Lisboa (até à concorrência de 3\$50).**PREÇOS**1.^o — Sem serviço de automóvel em Lisboa . . . 12\$502.^o — Com serviço de automóvel em Lisboa . . . 15\$00**OBSERVAÇÕES**

a) — Os bilhetes sem serviço de automóvel em Lisboa são vendidos na estação de Cais do Sodrê.

b) — Os bilhetes com serviço de automóvel em Lisboa vendem-se na estação de Cais do Sodrê e nos seguintes locais: Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs, Avenida Visconde Valmôr, 70 a 76 (Telef. 4 6141) e na sua sucursal atrás da estação do Rossio; Tabacaria Chave de Ouro, Rossio; Café-Restaurant A Cubana, Avenida da República, 37-A (Telef. 4 0013); Pastelaria Bijou de l'Avenue, Avenida da Liberdade, 84-88 (Telef. 2 3339); Bijou de l'Avenue, sucursal na Avenida da Liberdade, 87-89 (Telef. 2 3330); Pastelaria Rex, Rua da Palma, 128-130 (Telef. 2 8804); Pastelaria Luso-Americana, Avenida Almirante Reis, 146-A (Telef. 4 7765); Tabacaria Abadia, nos Restauradores, Palácio Foz e Turismo de Portugal, Ltd.^a, Rua de S. Nicolau, 82, r/c. (Telef. 2 8402).

c) — Quando haja no Casino festas extraordinárias, em que o custo da entrada seja superior a 5\$00, o possuidor do bilhete especial terá de pagar o excesso sobre essa importância.

Condições do transporte em Caminho de Ferro1.^a — Os passageiros têm a faculdade de poder viajar em 1.^a classe desde que paguem a diferença entre os preços dos bilhetes de 1.^a e 2.^a classes sem redução, em relação à Tarifa Especial n.º 1 de G. V.2.^a — Em tudo mais vigoram as condições da Tarifa Especial n.º 1 de G. V..

Lisboa, 25 de Março de 1936.

B. 12:5

O ENGENHEIRO-DIRECTOR

Exploração — Serviço de Tração

*M. Bello***O Bêbé**A arte de cuidar
do lactanteTradução de Dr.^a Sára Ben-
nollet e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heltor da Fonseca.Um formosíssimo
volume ilustrado**6\$00**

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**DOCES E****COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
..... — (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguezas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLEÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiene — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . Esc. 30\$00

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA



Só é Fogareiro Vacuum
aquele que traz a marca
VACUUM

V.Ex.^a



1536

É UMA BOA DONA DE CASA

É de facto, muito arranjada, muito económica, uma excelente mãe, uma esposa dedicada...

Precisa V. Ex.^a, porém, dum precioso auxiliar, um verdadeiro amigo, também muito económico, muito asseado, muito prático que esteja sempre às suas ordens — O FOGAREIRO VACUUM.

O Petróleo Sunflower garante-lhe um bom funcionamento.

FOGAREIROS VACUUM